



TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 5 n° 17 inverno 2004

| PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA | 3 EUROS

AZEVINHOS CENTENÁRIOS DA SERRA DA PENEDA

CABRA-MONTÊS NO GERÊS: UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE
VÍBORA-CORNUDA: UMA ESPÉCIE AMEAÇADA



DESTAQUES DO INVERNO



AZEVINHOS CENTENÁRIOS DA SERRA DA PENEDA: A DESTRUÍÇÃO SILENCIOSA
É dos sobreviventes que falamos no terceiro capítulo de *As Nossas Árvores*.. A maioria já desapareceu, vítima das queimadas para o pastoreio, fogueiras, gado... Abandonadas à sua sorte, desvalorizadas por (só pode!) ignorância, estas majestosas árvores fazem-nos pensar em como poderiam ser hoje algumas serras do noroeste continental (e outras) se tivesse havido um cuidado mínimo na sua preservação. Do passado, resta-nos isso. Para o futuro, restará o que para ele quisermos. Infelizmente, parece que o conceito de «Áreas Protegidas» continua a não ser bem compreendido por quem as tutela...

VÍBORA-CORNUDA: UMA ESPÉCIE DESCONHECIDA E AMEAÇADA DA HERPETOFAUNA MEDITERRÂNICA
Um dos mais mal-amados animais da nossa fauna, a víbora-cornuda carece de medidas de protecção urgentes, dada a situação de declínio que enfrenta. Um grupo de investigadores ibéricos e marroquinos traz até às páginas da *Tribuna da Natureza* uma análise da situação destes ofídios, não deixando de abordar aspectos relativos à sua biologia, habitats e, em particular, as ameaças de que são alvo.

CABRA-MONTÊS NO GERÊS: UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE

Uma das poucas boas notícias recentemente oriundas do nosso único Parque Nacional foi o regresso da cabra-montês às serranias geresianas, atempadamente divulgada nas nossas páginas (TN n.º 1, Inverno 2000). Gisela Moço, bióloga que as tem acompanhado, relata-nos a(s) história(s) da revinda, fala-nos da distribuição da cabra na Península Ibérica, analisa a sua viabilidade no Parque e propõe soluções para que a cabra-montês tenha um bom futuro em Portugal.

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR | Miguel Dantas da Gama **REDACÇÃO** | Raul Lima - Editor · Paulo Caetano - Redactor Principal · Bernardino Guimarães · Francisco Álvares · João Carlos Claro · João Cosme Matos · João Loureiro · Luís Rodrigues · Miguel Barbosa · Paulo Santos · Serafim Riem **DESIGN** | Cristina Dordio **ILUSTRAÇÕES** | José Projecto **ASSINATURAS/PUBLICIDADE** | Fernando Silva **COLABORARAM NESTE NÚMERO** | Alexandre Vaz · David Torres · Filipa Ferreira · Gisela Moço · Inês Dantas da Gama · J. Dias Marques · J. Pleguezuelos · J. A. Llorente · Jorge Nunes · José Carlos Brito · Luísa Marques · Manuel Nunes · Soumia Fahd · Xavier Parellada · Xavier Santos **EDIÇÃO E PROPRIEDADE** | FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens **ENDEREÇO** | Rua Alexandre Herculano, 371 - 4.º Andar Dto. - 4000-055 PORTO Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 E-mail: fapas@mail.esoterica.pt Página web: www.fapas.pt **REGISTO ICS** | 123453 **DEPÓSITO LEGAL** | 146895/00 **TIRAGEM** | 3000 exemplares **IMPRESSÃO** | Inova Artes Gráficas
Publicação independente aberta a pessoas e instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. *Tribuna da Natureza* não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

Sempre vi a reintrodução da cabra-montês no Gerês como uma grande oportunidade para, motivadamente, se avançar com a execução de um conjunto de acções de fundo exigidas pela preservação do Parque Nacional, infelizmente nunca assumidas. Esta foi aliás a razão que me levou, em 1992, a publicar um trabalho¹ sobre a espécie e o grande interesse da sua reintrodução, numa altura em que se desenvolviam os estudos de suporte do plano de ordenamento (seria aprovado em 1995) e as cabras, no Gerês, não passavam de um grandioso sonho desde muito antes alimentado pela minha imaginação.

Superando as melhores expectativas as cabras voltaram à Serra do Gerês², da forma – bem documentada – que, neste Inverno, Gisela Moço – a bióloga que vem estudando o novo núcleo populacional da *Capra pyrenaica* – nos relata. É a verdadeira história, também reveladora das omissões e demissões das entidades oficiais.

A violação de áreas sensíveis por um turismo mal informado que beneficia de acessos, em devido tempo não condicionados, o pastoreio e as queimadas a ele associadas, a caça, são problemas que continuam a destruir o Parque Nacional e que, conseqüentemente, agora também afectam as cabras. Todos são decor-

A cabra-montês, o azevinho, a víbora-cornuda... e o Gerês.

MDCGALML

rentes da ausência de uma estratégia de conservação que deveria assentar num adequado ordenamento do território desta área protegida e também do eterno desajuste dos meios disponíveis face às reais necessidades, ditadas pela preservação. O desvio da correcta definição das prioridades são a causa de uma grande contradição. A ausência de uma estrutura de vigilância eficaz e abrangente é, finalmente, o lado mais (in)visível no terreno desta realidade.

Seria intolerável que esta segunda oportunidade para as cabras – durante muitas décadas tentada, sem êxito, e que agora foi oferecida a Portugal numa bandeja – viesse, pelas razões apontadas, a falhar.

A conservação da natureza não se faz a pensar numa espécie isoladamente. Neste caso é o Parque Nacional que, estrategicamente, importa acautelar. Para o preservar, o regresso das cabras é um bom motivo. Outro é a protecção dos azevinhos centenários da Serra da Peneda – que também trazemos a este número da TN –, que carecem de uma intervenção urgente e eficaz. Quando assim não se pensa, o ecossistema degrada-se e os sinais de fragilização avolumam-se. É o que se retira do trabalho do biólogo José Carlos Brito, quando ele nos explica as razões do declínio da população de víbora-cornuda, para a qual o Gerês é parte importante da sua área de distribuição.

¹ A cabra-montês do Gerês – da extinção à reintrodução (FAPAS – 1992).

² Os leitores que nos seguem desde o início decerto se recordam das cabras que encheram a última página do primeiro número da TN (no Inverno de 2000). Foram certamente as primeiras que – no início de 1999 – voltaram a pisar solo português, cerca de 100 anos após a sua extinção.

Barómetro da estação

Ainda a propósito do Gerês. O Primeiro-Ministro e o Ministro do Ambiente inauguraram em Janeiro passado o Centro de Educação Ambiental do Vidoeiro, onde foram investidos mais de 1 milhão de euros.

TEMPESTADE

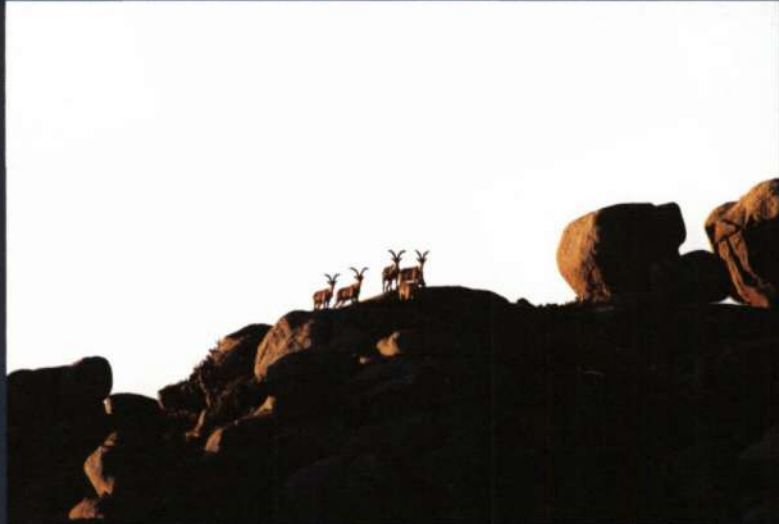
Tendo em consideração a habitual desculpa de «falta de verbas» para justificar a não execução de acções concretas para a preservação (também) do Parque Nacional, é de lamentar mais esta confirmação – na mesma linha do projecto das «Portas do Parque» – de como continua errada a política de conservação da natureza que se pratica em Portugal. Para além de melhores infraestruturas para acolher o aparelho burocrático, privilegia-se a sedução dos visitantes com a idealização de um património que, no terreno, continua a perder-se. Será que deram conta ao Sr. Primeiro-Ministro das proporções que a praga das mimosas está a atingir e que é constatável das janelas do Centro inaugurado?

A surpresa surgiu quando em Fevereiro de 1999 se observaram na serra Amarela, em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), três exemplares de cabra-montês (*Capra pyrenaica* Schinz, 1838) em liberdade. Uns meses mais tarde, novas observações registaram a presença de outros três indivíduos da espécie na serra do Gerês. Mais de cem anos passados sobre as últimas observações de cabra-montês em Portugal, estes registos foram os primeiros a relatar o seu regresso. Na altura, preparava-se a reintrodução de cabra-montês no Parque Natural Baixa Límia-Serra do Xurés (PNBLSX).

O PNBLSX situa-se na Galiza, é contíguo ao PNPG (Figura 1) e, juntas, estas duas áreas protegidas formam o Parque Transfronteiriço Gerês-Xurés (PTGX). O projecto de reintrodução de cabra-montês no PNBLSX teve início em 1997, quando este Parque Natural iniciou a construção de um cercado destinado a albergar pouco mais de uma dezena de exemplares da espécie na serra do Xurés (nome dado à vertente galega da serra do Gerês). Os 18 exemplares da espécie trazidos para o PNBLSX pertencem à subespécie *Capra pyrenaica victoriae*. Estes animais são provenientes do Parque Natural do Invernadeiro (Galiza), onde em 1992 se iniciou também um processo de reintrodução da espécie com 12 indivíduos. Por sua vez, estes eram provenientes da Reserva Nacional de Caça das Batuecas (Salamanca, Espanha).

Os animais chegaram ao PNBLSX em 1998, tendo dois deles sido colocados num pequeno cercado de exposição, destinado a fins de educação ambiental, no sopé da serra de Santa Eufémia (nome dado à vertente galega da serra Amarela). Estes indivíduos aí permaneceram até ao final de 1998 e neste local produziram duas crias, uma das quais terá morrido devido a causas naturais. No final desse ano registou-se a fuga dos três exemplares remanescentes no cercado e, poucos meses depois, Miguel Dantas da Gama observou-os na serra Amarela. Os restantes indivíduos foram colocados no cercado de aclimação de Salgueiros sito na serra do Xurés e adaptaram-se bem ao local, registando-se 53 cabras-montesas nesse cercado no final de 2000. Entre Março de 2000 e Setembro de 2001 foram soltas 25 cabras na serra do Xurés. Ou seja, mais de um ano depois da primeira observação registada de três exemplares na serra do Gerês. Sobre esta curiosidade, e até há bem pouco tempo, o PNBLSX negou ter-se registado qualquer fuga do cercado de aclimação de Salgueiros.

As questões que destes factos surgiram sobre a origem dos exemplares observados na serra do Gerês, que bem podiam servir de pretexto para uma história interessante e reveladora de um facto inédito em termos de sobrevivência oculta no mundo animal, foram facilmente resolvidas pela admissão, por parte do PNBLSX, da fuga de «vários» exemplares do cercado de aclimação de Salgueiros. Nos encontros que se sucederam entre representantes de ambas as áreas protegidas do PTGX, a necessidade de executar um trabalho conjunto tem sido repetidamente referida como essencial para o correcto acompanhamento da população fundadora de cabra-montês no Parque Transfronteiriço. A cooperação entre os dois parques baseia-se nestes encontros e na permissão por parte do PNBLSX de entrada de viaturas do PNPG a zonas de acesso restrito a particulares, desconhecendo-se até à data acordos oficiais sobre esta matéria.



FILIPA FERREIRA

← Serra do Gerês



PAULO CAETANO

CABRA-MONTÊS NO

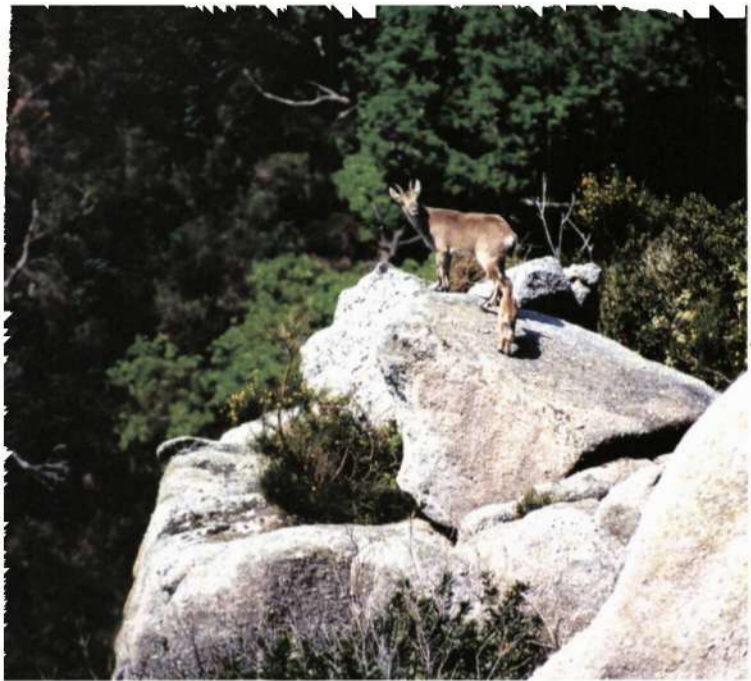
ESTUDO DA NATUREZA

TEXTO • Gisela Moço BIÓLOGA

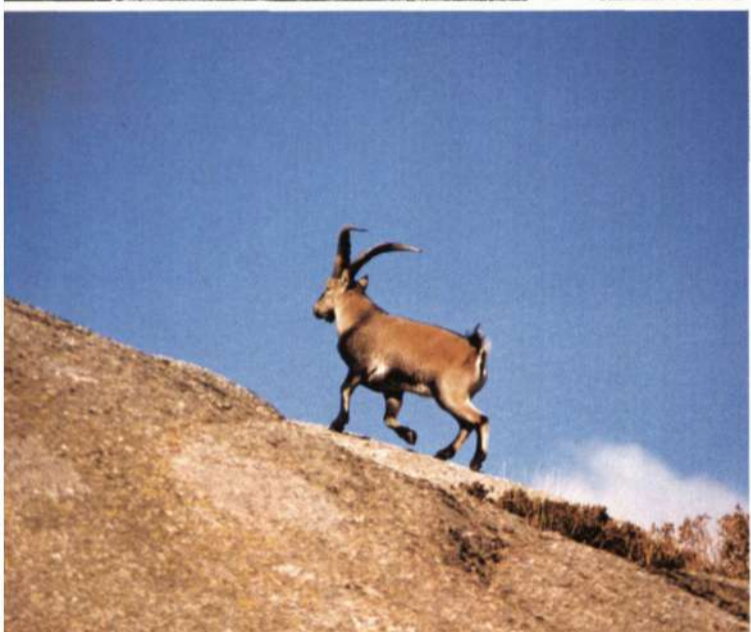


GERÊS

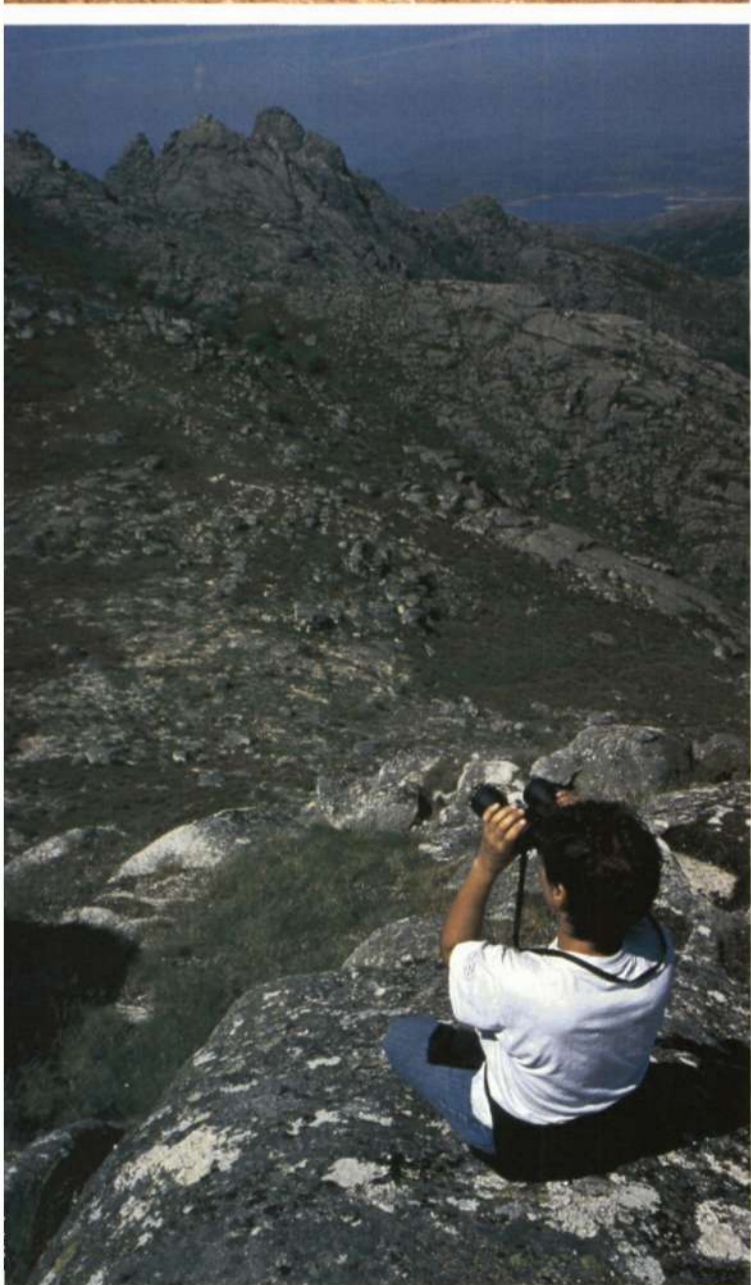
uma segunda oportunidade



FILIPA FERREIRA



FILIPA FERREIRA



ALEXANDRE VAZ

Serra do Gerês

«O Xurés é un fronteira cruza lit

X. L. MÉNDEZ FERRÍN

Em 2001, o PNPG e a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL) iniciaram o projecto «Estudo da população fundadora de cabra-montês no PNPG». Deve referir-se nesta altura que, apesar de ser este o título do projecto, várias incursões foram realizadas ao PNBSLX durante o trabalho de campo subjacente. Em todas elas, as deslocações nos caminhos de acesso restrito foram feitas em viaturas do PNPG ou acompanhadas por funcionários e viaturas do PNBSLX. Em nenhuma ocasião foi facultada autorização para deslocação da viatura da FCUL nestes caminhos por parte do PNBSLX, alegando este a «sensibilidade» do tema em estudo como entrave à circulação de viaturas particulares. Este pretexto não é com certeza utilizado pelo PNBSLX quando se trata de permitir a circulação de viaturas de caçadores e de grupos de desportos de montanha às mesmas zonas de acesso interdito, como temos tido oportunidade de verificar em inúmeras ocasiões.

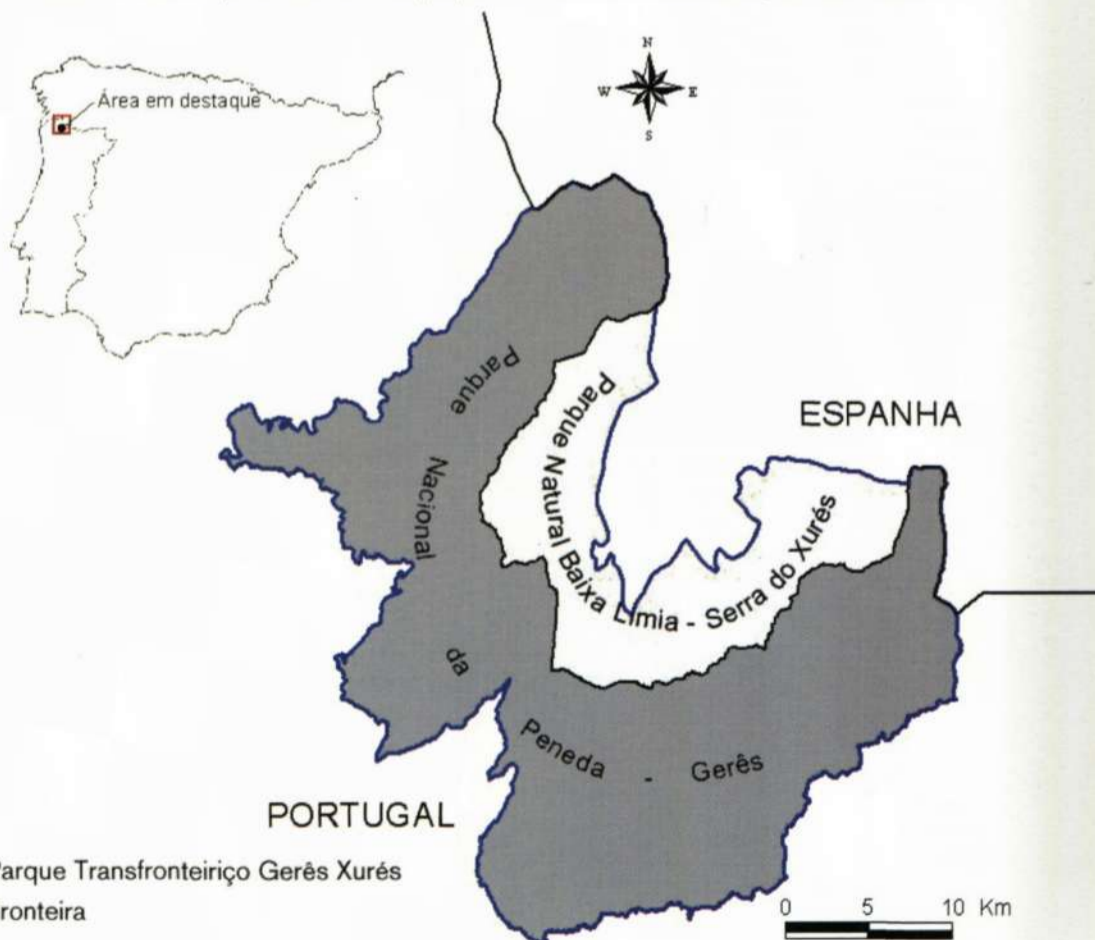
Fronteiras à parte, apresenta-se de seguida uma síntese dos resultados obtidos no decorrer do projecto nas duas serras transfronteiriças acima mencionadas, as quais passarão a designar-se como «serra do Gerês/Xurés» e «serra Amarela/Eufémia».

ESTADO ACTUAL DOS CONHECIMENTOS

Os resultados obtidos desde Outubro de 2001 demonstram a existência de três núcleos de cabra-montês na área de estudo, dois deles na serra do Gerês/Xurés e um na serra Amarela/Eufémia. Como já descrito, um dos núcleos teve origem nas soltas realizadas pelo PNBSLX, tendo os restantes núcleos resultado de fugas acidentais de cabras-montesas dos cercados de Salgueiros e de Santa Eufémia.

Embora de forma diferencial, os três núcleos utilizam ambas as áreas protegidas do PTGX. O núcleo resultante das soltas realizadas pelo PNBSLX é o mais numeroso – estão de momento contabilizadas mais de 40 cabras-montesas – sendo os restantes núcleos constituídos por pouco mais de uma dezena de indivíduos. Desta forma, o efectivo total da espécie no PTGX ronda os 70 exemplares.

Embora se registem, ano após ano, pequenos aumentos das áreas ocupadas pelas cabras-montesas, estas são ainda restritas e de difícil acesso. Esporadicamente, alguns indivíduos do núcleo de maior dimensões têm sido observados na área de utilização do núcleo mais pequeno da serra do Gerês/Xurés, estando também a

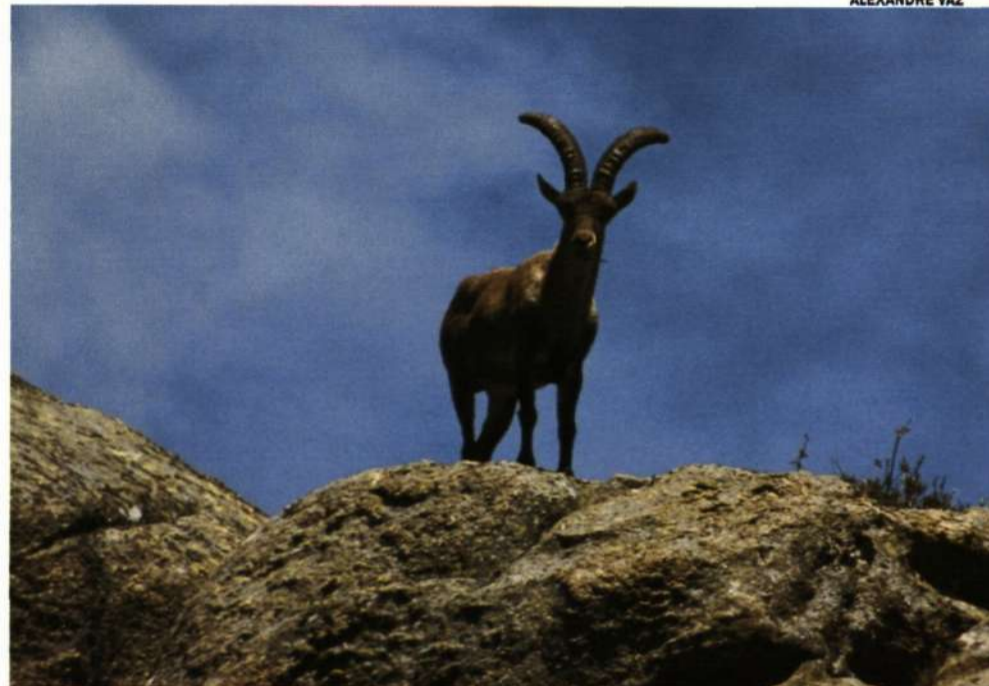


macizo montañoso que a eralmente contra natura».

aumentar o número de observações de cabras-montesas em locais que distam alguns quilómetros das áreas que habitualmente frequentam. Posto isto, espera-se que dentro de poucos anos a alusão a estes dois núcleos deixe de fazer sentido, passando a considerar-se apenas um, com um maior número de cabras-montesas e área de ocupação mais alargada.

Em todos os núcleos há mais fêmeas do que machos e regista-se o nascimento de crias todos os anos. Estes aspectos são favoráveis ao crescimento dos seus efectivos, podendo dizer-se que, em todos os núcleos, o número de cabras-montesas está a aumentar. Por outro lado, a inferioridade do número de machos relativamente às fêmeas é particularmente notória nos núcleos mais pequenos, nos quais uma redução mínima no número de machos poderá comprometer a sua viabilidade a curto prazo.

São vários os factores que induzem mortalidade nesta espécie, sendo infelizmente a caça, ao invés da idade, o mais comum. A distribuição da espécie na Península Ibérica (Figura 2) está francamente ligada à actividade cinegética que sobre ela se exerce, sendo o motivo pelo qual muitas reintroduções e mesmo introduções se operam em Espanha. Embora não inclua a cabra-montês na sua lista de espécies cinegéticas, a caça (maior e menor) é uma actividade legal nas áreas ocupadas pela cabra-montês no PNBSX (em ambas as vertentes galegas das serras do Gerês/Xurés e Amarela/Eufémia). Nas vertentes portuguesas destas serras a caça é também permitida (caça menor) em Zonas de Caça Associativa, as quais não abrangem, de momento, áreas utilizadas pela cabra-montês. Mas mesmo nos locais das vertentes portuguesas em que a caça é proibida, é comum encontrar cartuchos de caçadeira vazios, denunciando uma actividade cinegética ilegal no PNPG. Embora seja do conhecimento público a proibição de caçar nestas zonas, o facto de as placas de sinalização de proibição de actividade cinegética estarem seriamente danificadas (derrubadas ou partidas) ilustra o desrespeito de quem se lhes opõe (na maior parte dos casos é óbvia a destruição propositada da sinalização) e pode inclusive servir para alegar desconhecimento sobre os limites das zonas onde a actividade cinegética se practica. Para a população de cabra-montês em estudo são referidos pelo menos dois casos de morte por caça furtiva (embora não existam provas que os autenticuem). Apenas dois pode parecer pouco para quem reteve os cerca de 70



Serra do Gerês ^

exemplares acima mencionados. Recorde-se que estes são os dois casos conhecidos e que o abate furtivo de espécies silvestres é coisa de que raramente se fala.

Como em qualquer outro ser vivo, também as doenças são agentes reguladores da densidade desta espécie, sendo o caso mais mediático conhecido o de uma epizootia de sarna que reduziu drasticamente uma população de cabra-montês nas serras de Cazorla y Segura (Extremadura, Espanha). Ao que tudo indica, o gado doméstico terá sido o principal vector do ácaro responsável pela doença. O estado sanitário deficiente em que se encontravam as espécies silvestres afectadas (em grande parte devido à elevada competição alimentar a que estavam sujeitas) propiciou a propagação do parasita causador da doença, tendo a cabra-montês sido o expoente máximo da sua acção: mais de 90% da população de Cazorla y Segura pereceu na passada década de 80.

A coexistência entre cabra-montês e gado doméstico pode gerar outras situações indesejáveis para além das relacionadas com a sanidade. Refira-se que algumas das áreas utilizadas pela cabra-montês no PTGX se sobrepõem com áreas de pastoreio de gado caprino, bovino e equino. No que se refere a rebanhos de cabras domésticas (*Capra hircus*), a coexistência das duas espécies pode gerar problemas de hibridação (todas as espécies do género *Capra* são intercruzáveis, geram descendência fértil), competição alimentar e por espaço. Neste contexto, a ocorrência de cabras domésticas assilvestradas no espaço serrano é desaconselhável. Estão identificadas algumas zonas onde estes animais sem guarda subsistem e se fixam, gerando situações de possível contacto com cabras-montesas. Outra consequência nefasta da actividade pastoril sobre a cabra-montês é a potencial destruição do seu habitat pelo fogo (as tradicionais «queimadas») utilizado para a renovação de pastos.

Também a presença ruidosa e insistente de pessoas e cães nas áreas utilizadas por cabras-montesas pode promover o seu deslocamento para áreas que lhes são menos favoráveis, comprometendo o seu estabelecimento. É conhecida a atracção que o PNPG exerce sobre milhares de pessoas cuja afluência ao Parque Nacional se intensifica no período estival. Mas também na Páscoa, em fins-de-semana prolongados e mesmo quando neva se assiste à entrada de um grande número de pessoas no PNPG, nos parques de meren-



^ Distribuição da cabra-montês (*Capra pyrenaica* Schinz, 1838) na Península Ibérica (adaptado de Pérez et al. 2002). 1 - Reserva Nacional de Caça de las Batuecas; 2 - Parque Natural do Invernadeiro; 3 - Parque Transfronteiriço Gerês-Xurés.

das e no espaço serrano. Actividades deste género são sem dúvida agradáveis e promotoras de um salutar contacto com a natureza, mas infelizmente nem sempre a natureza recebe na mesma proporção em que dá, sendo frequentemente visíveis os restos de indícios da presença humana em zonas de acesso supostamente restrito, depois de cada período de intensas visitas ao PNPG. Desta forma, zonas favoráveis à presença de cabra-montês poderão demorar anos a ser ocupadas pela espécie.

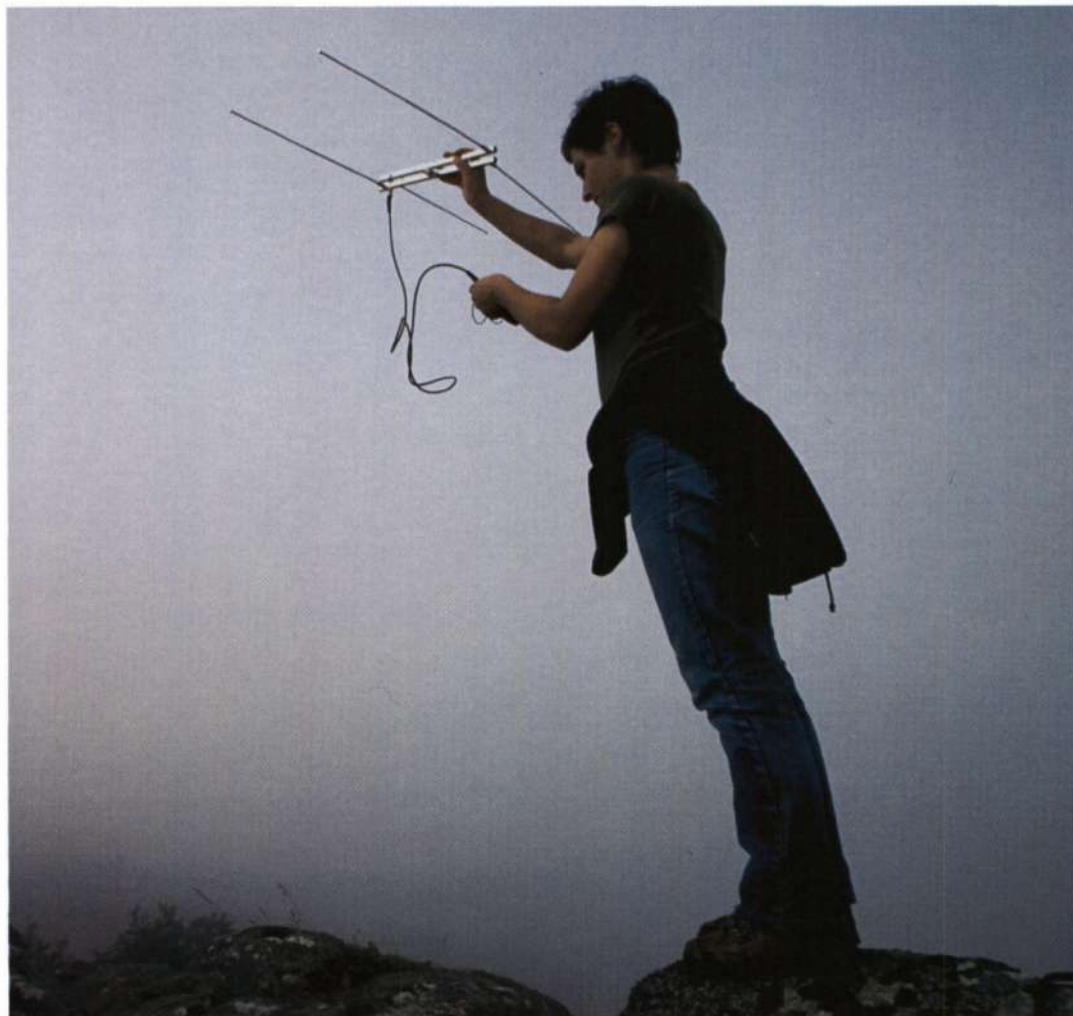
A CABRA-MONTÊS TEM FUTURO EM PORTUGAL?

A data de extinção da espécie tema deste artigo parece longínqua, pertencente a um tempo em que as noções de conservação da natureza se restringiam à manutenção de espécies que despertavam algum tipo de interesse para o homem, desde o estético ao cinegético. Foi precisamente o interesse como espécie cinegética que permitiu a sobrevivência dos núcleos de cabra-montês remanescentes em Espanha entre o final do século XIX e o início do século XX – à semelhança do que se passava em Portugal e na Galiza, também nessa altura todas as populações espanholas apresentavam efectivos reduzidos e só a total proibição de caça e uma apertada vigilância permitiram a sua subsistência. Mas apesar das armas de fogo não estarem tão desenvolvidas como agora, em Portugal foi possível caçá-las até à extinção, ou até um número de indivíduos demasiado pequeno para gerar descendência sustentável. Durante décadas muito se dissertou sobre a perda da subespécie *Capra pyrenaica lusitanica*, sobre a vontade de voltar a receber a espécie e a frustração de não o conseguir. Agora que a espécie voltou de bandeja, se conhece o número de indivíduos da população e os potenciais factores que a ameaçam, passemos às medidas de conservação apresentadas ao PNPG no sentido de garantir a sua presença futura em Portugal.

Relativamente à actividade pastoril, seria desejável que esta fosse inexistente nas áreas de utilização dos núcleos de cabra-montês. Pelas razões acima mencionadas, os rebanhos de cabras domésticas assilvestradas deverão ser rapidamente retirados do espaço serrano. Em situações de eliminação de áreas de pastoreio, sugere-se a tomada de medidas compensatórias, tais como a criação de zonas de pasto alternativas para o gado doméstico, particularmente para os pequenos ruminantes. Uma vez que em muitos casos esta medida se afigura difícil sem gerar conflitos com as populações humanas que desde há séculos se dedicam à pastorícia nesta região, deve pelo menos garantir-se um

apertado controlo sanitário dos animais domésticos que continuarem a pastar nas serras do PNPG.

Por serem tantas as ocasiões em que se verificam actos de desrespeito pela regulamentação que o ordena, o turismo deverá merecer maior atenção por parte do PNPG. São muitos os trilhos de acesso a áreas sensíveis utilizados por turistas cujo número não é alvo de controlo. Para estes trilhos propõe-se que se restrinja o acesso a um menor número de pessoas, acção que terá necessariamente que ser vigiada e se possível acompanhada por funcionários do PNPG. Situações que requerem autorização por parte do PNPG – desde pernoitas a actividades de ar livre – são frequentemente praticadas sem que o mesmo tenha sequer conhecimento e só poderão ser detectadas com um sério incremento da vigilância. Quanto a si, que costuma visitar o PNPG ou pretende fazê-lo, esteja mais atento à sinalização que o informa sobre o que pode e o que não pode fazer – e onde – e em caso de dúvida contacte os postos de informação (os endereços e telefones estão indicados nas placas informativas). Não espere que nos próximos tempos seja fácil avistar uma cabra-montês. Mas talvez daqui a uns anos, quando o número de cabras-montesas tiver aumentado, tenha a sorte de avistar um exemplar. Nessa altura, regozije-se silenciosamente e não o perturbe.



ALEXANDRE VAZ



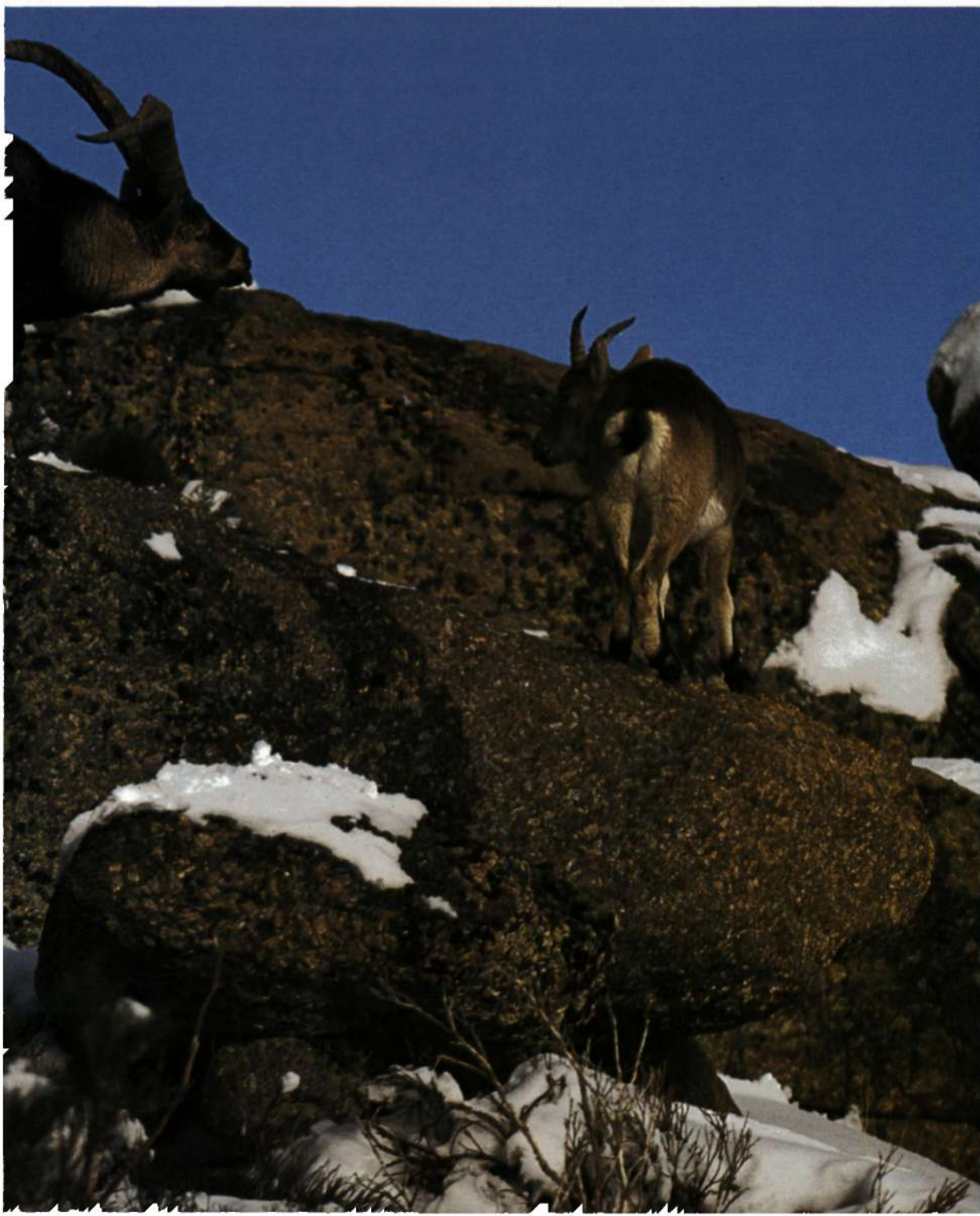
E finalmente, para contrariar o excessivo apetite dos caçadores furtivos ante a visão de um exemplar de cabra-montês, o PNPG tem necessariamente que investir na vigilância a este factor de ameaça. Porque há quem tenha memória curta e se esqueça que há cem anos, quando as armas de fogo eram bem menos potentes, se extinguiu pela caça a última população portuguesa da espécie. Não se discute aqui o gosto que algumas pessoas têm de possuir uma cabeça de macho de cabra-montês sobre a lareira da sala. Mas foi esta atitude levada ao extremo que nos privou da espécie durante muito tempo. Se gosta de caçar, o que tem de saber agora é que a cabra-montês não faz parte da lista de espécies cinegéticas de Portugal, nem tão pouco da Galiza. Se sabe aprender com o passado e se preocupa com o futuro, com certeza pensará duas vezes antes de matar um destes animais. Pelo sim, pelo não, o PNPG tem que assegurar que o não vai fazer.

RAZÕES PARA INVESTIR NESTA IDEIA

A cabra-montês não é a única espécie que requer atenção no PTGX. Mas protagoniza neste momento um exemplo de reflexão sobre uma história triste que pode ter neste momento, por pura sorte e após longos anos de ausência, um final feliz. Afinal, as medidas de conservação aqui propostas não são novidade, o pretexto é que poderá ser mais aliciante: em 1999, Portugal assistiu ao acontecimento raro de voltar a ter, dentro das suas fronteiras, uma espécie que aí não existia havia mais de cem anos.

Perante as questões: «Que valor representa o regresso da cabra-montês a Portugal?» e «Porque razão devemos investir no seu estabelecimento?», propomos que reflecta nalgumas razões que tornam válido o regresso desta espécie a Portugal:

1. *de ordem ética* – trata-se da devolução de uma espécie extinta pelo homem ao seu meio natural;
2. *de ordem científica* – o regresso da cabra-montês está a promover vários estudos científicos sobre a espécie (dinâmica populacional, dieta, selecção de habitat, genética e parasitologia, como exemplos);
3. *de ordem estética* – porque se trata do regresso de um animal belo, em harmonia com o meio montanhoso;
4. *de ordem patrimonial* – a cabra-montês faz parte do património histórico natural desta região;
5. *de ordem económica* – a longo prazo, o regresso da cabra-montês poderá traduzir-se num bem económico sustentável em termos turísticos.



ALEXANDRE VAZ

6. *de ordem conservacionista* – o regresso da cabra-montês traduz-se num contributo para a biodiversidade do PTGX e representa o restabelecimento de um elo da cadeia trófica deixado vago desde a sua extinção. Sobre este aspecto resta-nos referir que, ao contrário da maioria das restantes populações de cabra-montês na Península Ibérica, nas quais o homem é o seu potencial predador, a população do PTGX está sujeita a mortalidade devido à predação que sobre ela exercem o lobo (*Canis lupus signatus*), a raposa (*Vulpes vulpes*) e a águia-real (*Aquila chrysaetus*). Esta última e o lobo são espécies em vias de extinção. Um maior ênfase pode ser dado ao lobo devido ao facto de este ser responsável por muitas mortes de gado doméstico e, ao que parece, as compensações prestadas pelo Estado a quem por estes prejuízos sofre não conseguem apagar a má fama deste predador. Se pensarmos que o maior infortúnio do lobo é não dispôr de presas silvestres em número suficiente e desta forma ter que optar por se alimentar de gado alheio, facilmente compreendemos que o regresso da cabra-montês se pode traduzir numa alternativa alimentar para este carnívoro. Sem dúvida que uma mudança no regime alimentar do lobo poderá demorar alguns anos a verificar-se, uma vez que perseguir e capturar uma presa doméstica abundante se afigura mais fácil que capturar uma presa silvestre, escassa e mais bem adaptada ao meio rochoso.

Cumpridas as medidas necessárias para garantir o sucesso do estabelecimento da população fundadora de cabra-montês, muitas outras espécies delas beneficiarão. Como em quase todos os processos de regeneração da natureza, há que esperar para ver os resultados.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

Pérez, J. M.; Granados, J. E.; Soriguer, R. C.; Fandos, P.; Marquez, F. J. & J. P. Crampe 2002. Distribution, status and conservation problems of the Spanish Ibex, *Capra pyrenaica* (Mammalia : Artiodactyla). *Mammal Review*, 32 (1): 26-39.

A nível mundial, 71% dos Caprinae (subfamília a que pertence o género *Capra*) silvestres apresentam estatuto de ameaça: 8% estão em situação considerada crítica, 23% estão ameaçadas, 40% são vulneráveis, 28% apresentam um baixo risco de ameaça e 1% não têm estatuto definido por falta de informação.

São actualmente reconhecidas cinco espécies silvestres do género *Capra* distribuídas naturalmente por todo o Paleártico e Norte de África. Todas as espécies são susceptíveis de hibridar, apresentam um marcado dimorfismo sexual e cornos persistentes, não ramificados, em ambos os sexos.

A cabra-montês ibérica (*Capra pyrenaica* Schinz, 1838) é o único representante silvestre do seu género na Península Ibérica e um dos seus ungulados mais emblemáticos. Ao contrário do que hoje se verifica (Figura 2), pensa-se que esta espécie estava, até à Idade Média, amplamente distribuída por toda a Península Ibérica e existia também nos Pirinéus franceses. Muito apreciada como recurso alimentar pelos antigos povos humanos e pelos seus cornos em forma de lira, a cabra-montês foi desde sempre um alvo predilecto dos caçadores. Por esta razão, buscou refúgio em zonas de difícil acesso, tornando-se comum associar a sua imagem a uma silhueta imponente e vigilante no cume de uma montanha. Esta estratégia não foi suficiente para escapar ao aperfeiçoamento das armas de fogo no decorrer do século XIX. A caça excessiva promoveu o progressivo desaparecimento da cabra-montês em muitas zonas da sua antiga área de distribuição, culminando na sua extinção em França (em meados do século XIX) e em Portugal (no final do mesmo século). Através de fortes medidas de restrição à sua caça, a espécie continuou a subsistir em Espanha até aos nossos dias.

A serra do Gerês, incluída na área protegida que hoje conhecemos como Parque Nacional da Peneda-Gerês, constituiu o último refúgio da cabra-montês em Portugal. A última captura da espécie registou-se em 1890.

São actualmente reconhecidas quatro subespécies de *Capra pyrenaica*:

SUBESPÉCIES DE CAPRA PYRENAICA	ÁREA DE DISTRIBUIÇÃO NO FINAL DO SÉCULO XIX
<i>Capra pyrenaica hispanica</i> , Schimper (1848)	Sul e Este de Espanha
<i>Capra pyrenaica pyrenaica</i> , Schinz (1838)	Pirinéus (Espanha e França)
<i>Capra pyrenaica lusitanica</i> , Schlegel (1872)	Serra do Gerês (Portugal)
<i>Capra pyrenaica victoriae</i> , Cabrera (1911)	Centro de Espanha

As principais ameaças referidas para a *Capra pyrenaica* são a alteração e fragmentação do habitat causados por actividades humanas, a gestão cinegética inadequada e o furtivismo, a baixa variabilidade genética, a competição com outras espécies de ungulados, a perturbação causada por actividades turísticas e as doenças.

EXPONOR
FEIRA INTERNACIONAL DO PORTO

Portugal
Ambiente

14/17 Abril 2004

7º Salão
Internacional de Equipamentos,
Tecnologias e Serviços Ambientais

vale um
CONVITE
a trocar no check-in



Lisboa: tel.: 21 382 67 30 • fax: 21 382 67 34 • info.lisboa@exponor.pt
Leiria: tel.: 91 757 85 47 • fax: 244 765 374 • info.leiria@exponor.pt
www.portugalambiente.exponor.pt



Jornadas sobre o Lobo-ibérico em Lamas de Mouro

O lobo foi o motivo para um fim de semana temático em Lamas de Mouro. Promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro o encontro - que decorreu nas instalações da Porta do Parque Nacional da Peneda - Gerês - reuniu um leque alargado de técnicos e investigadores que se têm debruçado no estudo do grande predador.

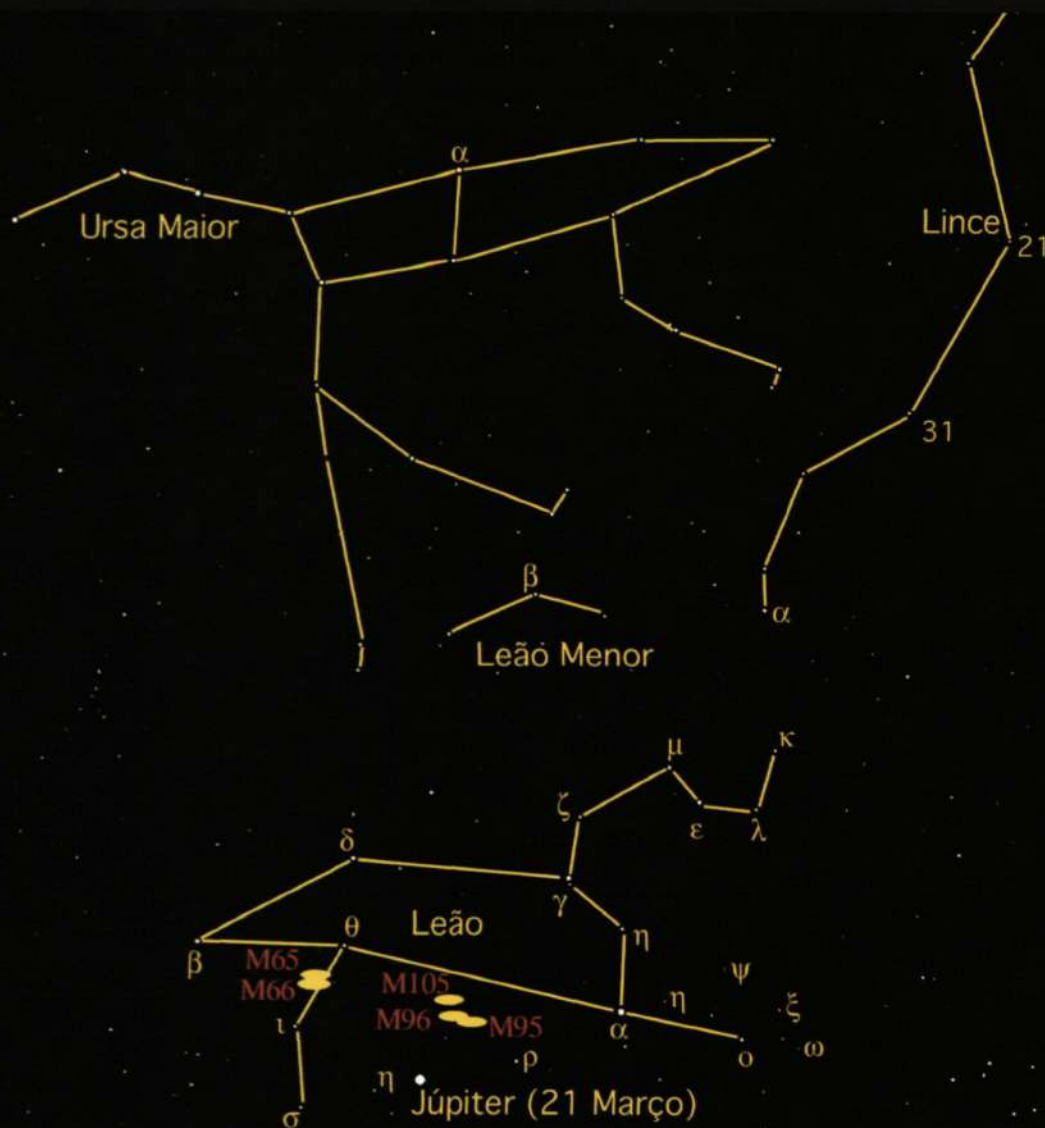
Estas Jornadas sobre o Lobo-ibérico valeram muito especialmente pelo confronto entre as posições de criadores de gado, técnicos do Parque e naturalistas, evidenciando as diferentes perspectivas que cada um tem e que inevitavelmente convergiram para o manifesto conflito Homem-Lobo. Apresentaram-se estudos sobre a imagem - ainda hoje distorcida - que este animal suscita junto da população em geral.

Particularmente positivo foi o facto deste evento ter sido organizado por uma associação local, de juntar experiências de ambos os lados da fronteira - várias presenças de estudiosos espanhóis - e de diversas apresentações terem contribuído de uma forma evidente para a desmistificação da imagem extremamente negativa que o lobo injustamente continua a carregar. Para tal contribuíram imagens - estas reais - colhidas na natureza, revelando algumas facetas extremamente interessantes do comportamento do nobre carnívoro. Sem desvalorizar outros trabalhos - referências históricas a legislação promulgada ao longo de séculos para incentivar a morte dos lobos, trabalhos

sobre os fojos que ainda hoje existem na Serra e sobre os cães de Castro Laboreiro (uma raça ameaçada cuja preservação também favorece a protecção do lobo) -, merece realce a experiência revelada por Pedro Alarcão e Anabela Moedas. Na região filmam uma alcateia, numa persistente e esforçada abordagem que a pouco e pouco lhes possibilitou uma aproximação a priori impensável. Retenho, em especial, o olhar de dois lobos a escassos metros dos autores do trabalho. Indescritível!

Para mais informações, contactar o
Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro
monteslaboreiro@hotmail.com





superior a 9) é ainda visível com um bom binóculo. Deixa-se ao cuidado do leitor o exercício de procurar outras duas galáxias: M65 e M105 (galáxia elíptica), um pouco menos brilhantes do que M66. A observação deste tipo de objectos requer treino e paciência, como já se disse em anteriores **À hora do mocho**. Não desista à primeira. Com o treino, a observação destes e de outros objectos torna-se cada vez mais fácil. Pode sempre partilhar as suas experiências com a **TN**, enviando um e-mail para o endereço acima indicado.

Obs.: sugere-se também uma visita ao endereço internet seguinte, onde se faz uma descrição de uma «tarefa» de observação das galáxias da constelação de Leão com um pequeno telescópio:

http://skyandtelescope.com/observing/objects/galaxies/article_252_1.asp

Nota final com mágoa: esta crónica é dedicada à memória do nosso gato, Schwarzkopf, de cuja companhia e alegria nos veremos agora, e para sempre, privados. Repousa numa encosta do Douro, na base de um castanheiro despido para o Inverno, permitindo que por entre os seus ramos se contemplem as estrelas. Em particular, os seus felinos companheiros no céu...

O SISTEMA SOLAR NESTE TRIMESTRE

Saturno, em Gémeos, ajuda a ocultar o Lince do Caçador. Um óculo ou telescópio modestos são, nesta altura, suficientes para revelar facilmente os anéis do planeta. De facto, a inclinação do plano dos anéis é por agora máxima.

Júpiter, rei dos Planetas, permanece nesta (e na próxima) estação em real companhia, um pouco a Este e abaixo da estrela principal do Rei da Selva, Regulus (v. ilustração).

Vénus, sempre muito brilhante e a Oeste («sempre a Oeste!»), aproxima-se da Terra, preparando-se para um evento raro a ocorrer em Junho e de que aqui se dará conta na próxima **À hora do mocho**.

Marte actua em Touro, numa interpretação em baixo de forma, pálida representação do espectáculo que deu no ano transacto. Continua porém ao vivo e em directo através das câmaras das sondas europeias e norte-americanas que por lá sobrevoam ou rolam.

Mercúrio, sempre perto do horizonte, surge no crepúsculo da tarde, à gatesga, mesmo no final do Inverno, a Oeste.

Pelo menos dois cometas com promessas de alguma notoriedade preparam-se para entrar em cena na Primavera. A tempo, a **À hora do mocho** irá ter com eles.

Os crepúsculos vespertinos a partir de 22 de Março brindar-nos-ão com sucessivos *rendez-vous* entre a Lua e cinco planetas. Nesse dia – dois após a fase de Nova – a Lua estará logo acima e à esquerda (cerca de 5°) de Mercúrio, ambos muito próximos da linha do horizonte Oeste. Dois dias depois será a vez do nosso satélite se encontrar com Vénus. Só mais um dia (25 de Março) e é a vez de um outro encontro da Lua, agora com Marte, interpondo-se simultaneamente entre este e as Pléiades (v. **À hora do mocho** do Outono de 2003, **TN** n° 16) – o binóculo será útil para melhor observar o fenómeno. A 28 estará a passar a pouco mais de 4° de Saturno. Mentiria se dissesse que a 1 de Abril tem novo encontro, mas logo depois, a 2, completa este ciclo de aproximações, acercando-se por fim de Júpiter – que, recorde-se, se encontra em Leão.

Por esta altura já o leitor se apercebeu de que, no termo do Inverno, poderá observar simultaneamente 5 planetas ao cair da noite: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno para além, evidentemente, da Terra: 2/3 dos planetas do Sistema Solar. Não sendo oportunidade rara, é no entanto uma boa altura para comparar brilhos, cores, aspectos, movimentos sobre o fundo estrelado. Não sendo rara, se a perdermos é menos uma que vemos.

FELINOS NO CÉU

Ao início das noites do final de Inverno, uma celestial gateira deixa passar, a nascente, um pequeno grupo de felinos: Leão (Leo), Leão Pequeno (Leo Minor) e Lince (Lynx).

Diante da Ursa Maior, um pouco menos difícil de ver que o Ibérico, o Lince zomba do Caçador (Orion) pela interposição entre eles dos Gémeos, garantes da sua eterna segurança. Engloba uma região do céu sem objectos astronómicos de interesse elevado. A sua estrela mais brilhante, α Lyncis, é uma gigante vermelha de magnitude 3.1.

Os leões reinam abaixo da Ursa Maior. Leão Pequeno, rei da discricção, não oferece objectos celestes de relevo. A sua estrela mais brilhante, 46 Leo Minoris (46 LMi), brilha com grandeza de apenas 3.8, seguindo-se β LMi, com 4.2.

Já Leão - cujo asterismo se assemelha mais do que a maioria das outras constelações àquilo que pretende representar – ostenta real pujança de objectos celestes, nomeadamente extragalácticos (i.e., fora da Galáxia), muitos deles acessíveis ao astrónomo amador. Algumas galáxias são observáveis com um binóculo, várias com um pequeno óculo ou telescópio. Regulus, α Leo, de grandeza 1.4, é a estrela mais brilhante da constelação. Aponte-lhe o binóculo e descubra, logo acima, uma companheira de magnitude 7.6 – fácil! Dupla mais difícil mas mais bonita: γ Leo, de magnitude 2.0. Com um binóculo não conseguirá separar o par (verá ao lado uma estrela de 5ª magnitude, que não está relacionada com γ Leo). Aponte-lhe um pequeno óculo e verá γ Leo dividir-se em duas estrelas, uma de grandeza 2.3 e a outra de 3.5. No capítulo das galáxias: o sexagésimo sexto objecto do catálogo de objectos não estelares de Messier, M66 (v. ilustração), é uma galáxia espiral que um binóculo revela, de um local com pouca poluição luminosa (magnitude 9, aproximadamente). Sendo necessário um telescópio para se lhe distinguir a estrutura em espiral, com o binóculo espere ver um objecto quase-estelar mas no qual, após uma observação cuidada, conseguirá distinguir que a sua luminosidade não é uniforme. De facto, só conseguirá ver que não é uma estrela, antes uma minúscula nebulosidade branca (contendo, na realidade, milhares de milhões de estrelas!). Mais difícil do que a anterior, a espiral M96 (de magnitude um pouco



TEXTO • J.C. Brito
X. Santos
J. Pleguezuelos
Soumia Fahd
G.A. Llorente
Xavier Parellada

VÍBORA-

UMA ESPÉCIE DESCONHECIDA E AMEAÇA

Na Península Ibérica ocorrem 13 espécies de serpentes, das quais três pertencem à família das víboras (Viperidae). A área de distribuição e o estado de conservação das três víboras são muito distintos, pois: 1) a Víbora-áspide (*Vipera aspis*) penetra apenas no nordeste montanhoso da Península (Pirinéus) mas é localmente abundante; 2) a Víbora-de-Seoane (*Vipera seoanei*) ocorre apenas na faixa setentrional da Península (em Portugal ocorre apenas na região do P.N. Peneda-Gerês) mas de uma forma geral é abundante; 3) a Víbora-cornuda (*Vipera latastei*) embora apresente a área de distribuição mais ampla (v. mapa, p.15), é escassa e está em declínio.

A situação actual de declínio das populações da Víbora-cornuda e o desconhecimento sobre muitos aspectos da sua biologia veio estimular a colaboração entre investigadores portugueses, espanhóis e marroquinos num projecto de investigação. Os principais objectivos deste projecto visam: a) estudar a variação morfológica e genética inter-populacional; b) aumentar o conhecimento sobre a ecologia trófica e reprodução, com particular interesse nas variações geográficas; c) caracterizar os habitats ocupados e compreender que factores macroecológicos estão relacionados com a distribuição da espécie; d) avaliar os factores responsáveis pelo declínio das suas populações e propor medidas de conservação para a Víbora-cornuda e seus habitats.

ESTUDO DA NATUREZA

CORNUDA

DA DA HERPETOFAUNA MEDITERRÂNICA



JOSE CARLOS BRITO



JOÃO COSME



JOÃO COSME

DESCRIÇÃO DA ESPÉCIE

A Vibora-cornuda é uma serpente de tamanho mediano, alcança os 600 mm de comprimento total, a sua cauda é de pequenas dimensões e o seu corpo apresenta um aspecto curto e grosso. A cabeça é extremamente chamativa, tanto pela sua forma triangular, como pela extremidade do seu focinho que é arrebitado e flexível. Este detalhe diferencia-a das restantes vaboras ibéricas e está na origem do seu nome comum. No dorso destaca-se uma banda larga escura em ziguezague, que por vezes pode ser apenas um conjunto de manchas romboidais descontinuas, e que se prolonga até à cauda. Excepcionalmente pode ser melânica. Os machos tendem a apresentar um padrão de coloração mais contrastado do que o das fêmeas, e um maior comprimento relativo da cauda.

DISTRIBUIÇÃO, VARIABILIDADE E HABITATS OCUPADOS

A distribuição da Vibora-cornuda é tipicamente ibérico-magrebina: a norte do Mediterrânico ocorre exclusivamente na Península Ibérica, e a sul, apenas na faixa setentrional do Magrebe, que inclui Marrocos, Argélia e Tunísia. Na Península Ibérica ocorre a sul da faixa setentrional delimitada pelo sul da Galiza, Cantábria e Pirinéus, desde o nível do mar até aos 3000 m de altitude (serra Nevada). No entanto, a grande maioria das observações desta vibora provém de zonas montanhosas (serras do Gerês, Alvão, Sistema Ibérico, Sistema Central, S. Mamede, Morena e Béticas), pois no litoral atlântico e mediterrânico ocorre geralmente em populações pequenas e isoladas (Melides, Aljezur, Doñana, Cabo de Gata, Garraf) (v. mapa página seguinte). De uma forma geral a Vibora-cornuda ocorre nos locais de menor pressão humana, sejam áreas protegidas, maciços montanhosos ou áreas de reduzida densidade humana, independentemente da sua altitude. Ocorre em habitats muito variados, mas nas montanhas prefere as encostas rochosas cobertas por matos, enquanto que nas zonas costeiras ocorre em meios arenosos (dunas, pinhais litorais).

Estão descritas duas subespécies: a nominal, *Vipera l. latastei*, que ocupa grande parte da Península Ibérica, e *Vipera l. gaditana* que ocupa o sudoeste peninsular e o Magrebe. Não se conhece com precisão o limite geográfico de ocorrência de ambas as formas, e não existem estudos recentes morfológicos ou genéticos que avaliem este estatuto taxonómico. De igual modo, não está claro o estatuto taxonómico de algumas populações do Médio Atlas marroquino, as quais apresentam caracteres morfológicos intermédios com *Vipera monticola*, pequena vibora endémica do Alto Atlas marroquino muito semelhante à Vibora-cornuda.

ASPECTOS DA SUA BIOLOGIA

O conhecimento existente sobre a biologia da Vibora-cornuda é escasso, destacando-se apenas um estudo recente sobre diversos aspectos ecológicos (selecção de habitats, actividade, alimentação e demografia) no Noroeste de Portugal (serra do Gerês) e alguns estudos pontuais em Espanha. À escala peninsular, não é possível analisar a plasticidade ecológica desta vibora em relação à sua ampla distribuição geográfica, a qual abrange habitats com factores bióticos e abióticos muito dispares. Aliás, diversas evidências sugerem variações geográficas muito importantes em diversas características da sua biologia:

- a) Actividade: nas populações setentrionais (Minho e Catalunha) o pico máximo de actividade anual ocorre no Outono, período que coincide com a época de acasalamento, enquanto que nas populações meridionais os acasalamentos decorrem na Primavera. Os factores responsáveis por esta variação e, especialmente, as suas implicações nos mecanismos de isolamento reprodutor deverão ser estudados;
- b) Alimentação: globalmente, a dieta desta vibora é muito variada, incluindo artrópodes, anfíbios, répteis (principalmente lagartixas), aves e micromamíferos. No entanto, os anfíbios não constituem uma presa para as populações meridionais e a percentagem de consumo de micromamíferos nestas populações é inferior à observada no Noroeste Ibérico. Provavelmente, estas diferenças devem estar relacionadas com diferenças geográficas na disponibilidade de presas, mas tal deverá ser confirmado;

Os vários indícios anteriormente expostos indicam que as populações da Vibora-cornuda apresentam um declínio significativo em diversas zonas da sua área de distribuição, sendo particularmente relevante a escassez de observações recentes em grande parte da sua área de distribuição. Para melhor estudar estes aspectos solicitamos aos leitores observações desta espécie nos últimos 5 anos. Em concreto, pedimos dados sobre a localidade, data, assim como a UTM 1x1 km (se possível). São relevantes também a observação da espécie numa localidade por diversas vezes, assim

como a ausência de observações recentes em áreas onde era comum. Poderá enviar esta informação por correio electrónico a José Carlos Brito (jcbrito@mail.icav.up.pt) ou Xavier Santos (xsantos1@pie.tec.es).

Bibliografia (recomendada para leitura adicional)

- Brito, J.C., Rebelo, A. & Crespo, E.G. 2001. Viper killings for superstitious reasons in Portugal. Bol. Asoc. Herpetol. Esp., 12: 101-104.
- Brito, J.C. 2003. Ecologia da Vibora-cornuda (*Vipera latastei*, Boscá 1878) em Portugal e a Problemática da sua Conservação. Tese para a obtenção do grau de Doutor em Biologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 293p.
- Gasc, J.-P.; Cabela, A.; Crnobrnja-Isailović, J.; Dolmen, D.; Grossenbacher, K.; Häfner, P.; Lescure, J.; Martens, H.; Martínez-Rica, J.P.; Maurin, H.; Oliveira, M.E.; Soffanidou, T.S.; Veith, M. & Zuidewijk, A. 1997. Atlas of Amphibians and Reptiles of Europe. Societas Europaea Herpetologica and Muséum National d'Histoire Naturelle (IEGB/SPN).
- Godinho, M. R., Teixeira, J., Rebelo, R., Segurado, P., Loureiro, A., Álvares, F., Gomes, N., Cardoso,

PEIDIDO DE INFORMAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

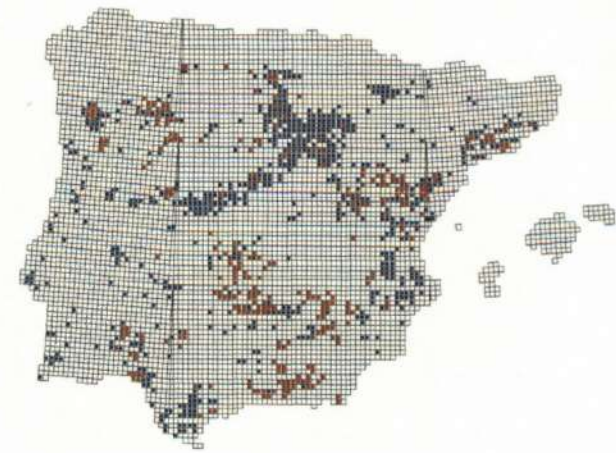
c) Reprodução: a *Víbora-cornuda*, tal como as restantes víboras europeias, apresenta reprodução ovovivípara: a vitelogenese ocorre na Primavera e a ovulação em Junho; os embriões desenvolvem-se nos oviductos, no interior de invólucros ovulares, os quais se rompem imediatamente após o parto; as fêmeas parem entre 4 a 13 víboras entre o fim de Agosto e Outubro. Esta estratégia reprodutora apenas permite que a frequência de reprodução das fêmeas seja bienal ou trienal. Embora não existam dados concretos para esta víbora, a frequência de reprodução deverá estar dependente do tamanho corporal das fêmeas, da disponibilidade de alimento e das condições climáticas. Assim, suspeita-se que possam existir diferenças geográficas consideráveis nesta característica.

AMEAÇAS E CONSERVAÇÃO

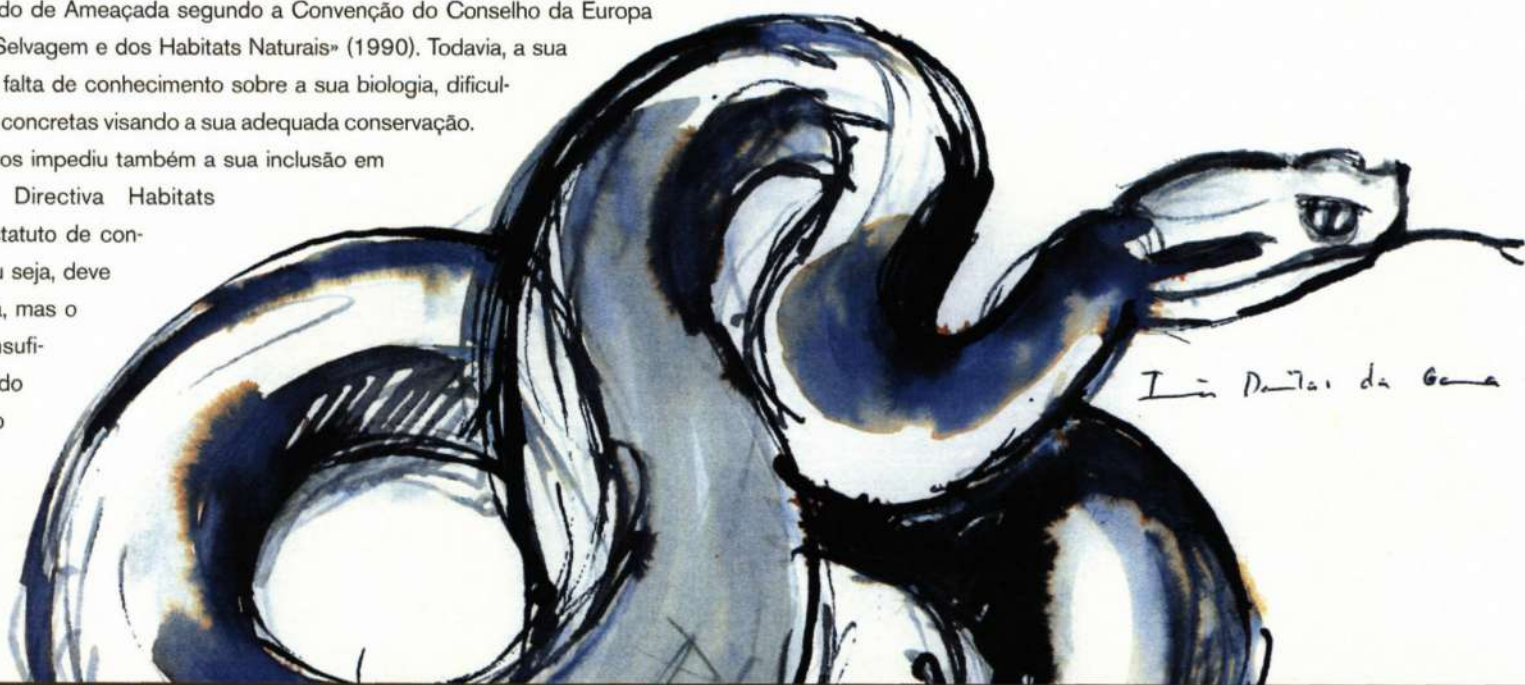
A situação das populações da *Víbora-cornuda* a nível Ibérico é preocupante, uma vez que diversas ameaças têm contribuído para a fragmentação dos seus habitats e conduzindo ao isolamento reprodutor das suas populações. As principais ameaças incluem a alteração/destruição dos seus habitats (devido a silvicultura intensiva, aproveitamento dos solos para fins agrícolas, incêndios florestais e desenvolvimento urbano e de infra-estruturas viárias), atropelamentos nas estradas e perseguição por aversão. Adicionalmente, centenas de víboras são mortas ilegalmente todos os anos em Portugal, para comércio por motivos supersticiosos. Os animais são capturados, mortos e as suas cabeças comercializadas sob a forma de amuletos, pois existe a crença de que ter uma víbora dá sorte, abençoa o lar e traz dinheiro. Algumas características biológicas, tais como a reduzida frequência de reprodução, áreas vitais de pequenas dimensões e maturação sexual tardia contribuem para a sua vulnerabilidade a factores de ameaça que de algum modo promovam a alteração e/ou destruição dos seus habitats.

Todos estes factores têm contribuído para o declínio da espécie particularmente nas zonas com elevada utilização humana do litoral atlântico e mediterrânico. Por exemplo, na Catalunha constatou-se a sua regressão em mais de 50% da extensão de ocorrência. Os resultados preliminares de uma análise biogeográfica em curso indicam que, em outros ofídios de ampla distribuição ibérica, o número de observações recolhidas nos últimos 5 anos aumentou em média 33.5%, enquanto que na *Víbora-cornuda* o aumento foi de apenas 29.2%. Adicionalmente, apenas 23% das quadriculas UTM 10x10 km onde a *Víbora-cornuda* tinha sido observada até 1997 foram reconfirmadas com novas observações nos últimos 5 anos. Este é o valor mais baixo para todos os ofídios com ampla distribuição ibérica (a maioria das espécies apresenta valores superiores a 35%).

A preocupante situação da *Víbora-cornuda* motivou a sua inclusão no anexo II da Convenção de Berna (1979), e conferiu-lhe o estatuto de Ameaçada segundo a Convenção do Conselho da Europa para a «Conservação da Vida Selvagem e dos Habitats Naturais» (1990). Todavia, a sua ampla área de distribuição e a falta de conhecimento sobre a sua biologia, dificultam a elaboração de propostas concretas visando a sua adequada conservação. Esta ausência de conhecimentos impediu também a sua inclusão em qualquer dos anexos da Directiva Habitats (94/43/UE). Em Portugal o estatuto de conservação é «Indeterminado», ou seja, deve estar provavelmente ameaçada, mas o conhecimento existente é insuficiente para que lhe seja atribuído um estatuto de conservação mais preciso. Em Espanha é considerada como «Quase Ameaçada».



▲ Distribuição ibérica da *Víbora-cornuda*



P., Camilo-Alves, C. & Brito, J.C. 1999. Atlas of the continental Portuguese herpetofauna: an assemblage of published and new data. *Rev. Esp. Herp.*, 13: 61-82.

Parellada, X. 1995. Status of *Vipera aspis* and *Vipera latastei* (Viperidae: Reptilia) in Catalonia (NE Spain). Em: pp. 328-334. Llorente, G.A., Montori, A., Santos, X. & Carretero, M.A. (Eds.). *Scientia Herpetologica*. Asociación Herpetológica Española.

Pleguezuelos, J.M. ed. 1997. Distribución y biogeografía de los anfibios y reptiles en España y Portugal. *Monografías de Herpetología 3*, Universidade de Granada - Asociación Herpetológica Española. Granada. 542 pp.

Pleguezuelos, J.M.; Márquez, R. & Lizana, M., eds. 2002. Atlas y libro rojo de los Anfibios y Reptiles de España. Dirección General de Conservación de la Naturaleza - Asociación Herpetológica Española. Madrid. 584 pp.

Pleguezuelos, J.M. & Santos, X. 2002. *Vipera latastei* Boscá, 1878. Em: pp. 298-300. Pleguezuelos, J.M.; Márquez, R. & Lizana, M. (eds.). Atlas y libro rojo de los Anfibios y Reptiles de España. Dirección General de Conservación de la Naturaleza - Asociación Herpetológica Española. Madrid.

Saint Girons, H. 1977. *Systématique de Vipera latastei latastei* Boscá, 1878 et

J.C. BRITO (bolseiro pós-doutoramento no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto;

X. SANTOS (bolseiro pós-doutoramento no Departamento de Biología Animal e Ecología da Universidade de Granada: EX2003/0253).

J. PLEGUEZUELOS (Professor Titular no Departamento de Biología Animal e Ecología da Universidade de Granada).

SOUÏMIA FAHD (Maitre de Conférences no Departamento de Biología da Faculdade de Ciências da Universidade Abdelmalek Essaâddi, Marrocos).

G.A. LLORENTE (Professor Titular do Departamento de Biología Animal da Universidade de Barcelona).

XAVIER PARELLADA (Técnico do Servei de Protecció de la Fauna, Flora i Animals de companyia no Departamento de Medi Ambient da Generalitat da Catalunya).

description de *Vipera latastei gaditana*, subsp. N. (Reptilia, Viperidae). *Rev. Suisse Zool.*, 84: 599-607.

Saint Girons, H. 1960. Biogéographie et évolution des vipères européennes. *C.R. Soc. Biogéog.*, 496: 146-172.

Santos, X., Carretero, M.A., Llorente, G.A. & Montori, A. (eds.) 1998. Inventario de las áreas importantes para los anfibios y reptiles de España. Colección Técnica, ICONA, Madrid. 237 pp.

AUTORES

BIBLIOGRAFIA

A | BIBLIOGRAFIA



* Restos de uma fogueira na base de um azevinho

Rente às escarpas, um espesso manto branco trepa as encostas, num movimento gerado pelas correntes térmicas que o Sol, progressivamente mais alto, acelera. Pouco a pouco, a neblina que emana do fundo do vale dissipa-se. Adivinham-se as fragas que conhecemos de cor.

São quase dez horas da manhã. A adiantada nudez do carvalhal chega-nos agora através de uma atmosfera transparente, numa «luz verdadeira» como só nalguns dias de Inverno, como este, se disfruta.

Ao longe, na cabeceira do vale, numa extensão significativa da encosta virada a nascente, uma forte reverberação provém das copas das árvores. As folhas brilham com intensidade, reagindo à incidência dos muito oblíquos raios solares.

Estamos na Serra da Peneda. Aqui subsistem as melhores manchas de azevinhal do território português. Não apenas devido à quantidade, mas sobretudo pela longevidade de algumas das suas árvores. O porte que atingiram é soberbo. A altitudes que nalguns casos superam bastante os mil metros, é forçoso aceitar a idade muito avançada dos mais grandiosos e espectaculares exemplares.

Podemos ser pródigos em imaginação quando tentamos avaliar o que terão «visto» estes mesmos exemplares na época em que os portugueses partiam à descoberta de outros mundos «por mares nunca dantes navegados». Talvez mesmo antes. Épocas recuadas em que poucas almas se aventurariam a cruzar paragens tão inóspitas e remotas. Por estes azevinhos mais antigos passavam com mais facilidade ursos-pardos, quebra-ossos, porque não lincas-ibéricos, galos-monteses (uma espécie que terá dependido muito dos azevinhos, nos períodos de maior invernia), disputando o espaço com os antepassados dos lobos e das (últimas) águias-reias que hoje se cruzam ou sobrevoam tão portentosas árvores.

Se em todas as manchas autóctones do Parque Nacional da Peneda-Gerês o azevinho está presente como espécie-base da vegetação climax, aqui, numa área bem definida da Serra da Peneda, sobrevive praticamente sozinho a maiores altitudes. De facto, chega a formar pequenos bosques mono-específicos, onde os maiores exemplares convivem com outros de regeneração natural mais recente. Sob as suas densas copas, a luz é ténue e o

ambiente é mais húmido. Ai, enfiados em corças apertadas, os javalis surpreendem-nos, mesmo durante o dia. Trilhos de lobo – confirmados por pegadas e dejectos – atravessam os azevinhais também percorridos pela raposa e vários outros mamíferos de menor porte (martas, texugos, ginetas e fuinhas) que, principalmente no Inverno, muito beneficiam da protecção destas árvores de folha persistente para enfrentarem o vento, a neve, o frio e melhor se ocultarem do Homem.

Mas os azevinhos estão ameaçados. O fogo que, mais rapidamente, foi dizimando outras espécies arbóreas que os acompanhavam – carvalhos, vidoeiros, ... – não os tem poupado. Essencialmente ateadas pelos pastores, as chamas atingem os exemplares centenários vítimas de uma inexplicável falta de vigilância e de um sistemático desrespeito pelo plano de ordenamento do Parque Nacional lançando no mais desprezável e revoltante esquecimento, tão importante património. É inconcebível a situação de impunidade a que se assiste, no coração do Parque, no interior de uma das áreas supostamente mais protegidas e de usufruição fortemente condicionada... na lei! Não estamos a divagar. Há troncos queimados por fogueiras que se acendem na base dos azevinhos mais antigos, esgaçando-se os seus ramos para as alimentar! Só pastores ou também caçadores? Provavelmente ambos.

Arrepiam a abundância (crescente) de «esqueletos», ainda em pé, de enormes exemplares rodeando os sobreviventes. Apenas muito poucos terão sido vitimados por descargas atmosféricas. O raio do Homem é que os vai queimando. Hoje um, amanhã outro...

Esta é a realidade, contrastando com o discurso (e a prática) que flui dos gabinetes da tutela, completamente arredado do que se passa no terreno. Promovem-se debates, assinam-se convénios, desenvolvem-se estudos,... Programas, maioritariamente financiados pela Europa, confundem-se pelas siglas com que se abreviam. Dinheiros e esforços que definitivamente não chegam aonde deviam. Também os azevinhos da Peneda são vítimas de uma postura incompreensível.

Uma incompreensão que cresce à medida que vamos recolhendo mais dados destes verdadeiros monumentos naturais. De que outra forma se pode classificar um azevinho com um tronco de dois metros e meio de perímetro, a mil e duzentos metros de altitude?

AZEVINHOS CENTENÁRIOS
DA SERRA DA PENEDA

A destruição

DEFESA DA NATUREZA
AS NOSSAS ÁRVORES • 3

TEXTO • Miguel Dantas da Gama
FOTOGRAFIAS • Raul Lima

O azevinho (*Ilex aquifolium* L)

Pertencente à família Aquifoliaceae, o azevinho (*Ilex aquifolium* L) é uma espécie que adquire o porte arbóreo, podendo atingir os 8 a 10 metros de altura. Trata-se de uma planta monóica (um só sexo em cada exemplar) com um ritidoma (casca do tronco) liso e algo esverdeado. As suas folhas são reluzentes, com dentes espinhosos (que tendem a desaparecer com o avançar da idade) e muito rígidas, uma característica que torna mais fácil a identificação da espécie. As flores do azevinho são brancas ou rosáceas, enquanto o fruto, carnudo – primeiro esverdeado –, vai progressivamente adquirindo o tom vermelho que todos conhecem. Em Outubro está completamente maduro, mantendo-se no entanto nas árvores por muito tempo. Estas bagas provocam o vômito e às folhas são atribuídas propriedades diuréticas. A madeira do azevinho, de cor branca ou acinzentada, tem uma textura lisa e uniforme, é pesada e difícil de trabalhar.

Trata-se de uma espécie que gosta de solos frescos e que pode ocorrer até aos 1.600 metros de altitude. Normalmente é a planta mais exuberante entre as que compõem o sub-bosque das florestas em que ocorre.

Muito associado ao Natal – também plantado como árvore ornamental –, foi por este facto pressionado por desbastes que fizeram com que desaparecesse em muitas áreas de ocorrência natural. A deterioração do bosque natural de que faz parte (no Parque Nacional é – juntamente com os carvalhos negral e alvarinho – uma das espécies que caracterizam as Alianças dos carvalhais autóctones) explica também a fortíssima regressão do azevinho. Para contrariar a grande pressão a que foi sujeito durante décadas, aprovou-se a lei 423/89 de 4 de Dezembro, a qual proíbe o arranque, o corte, o transporte e a venda, sendo qualquer destas infracções punida com coimas que vão de 100 a 1000 euros.

A destruição dos azevinhos também se deve a comerciantes de aves que, ilegalmente, as capturam aproveitando-se do carácter viscoso da parte interna do ritidoma, utilizada como goma. Muitas árvores acabam por morrer na sequência do arranque da sua casca.



silenciosa

NATUREZA ACTUAL

ÁREAS NATURAIS

da região do Porto: o verde para lá do betão

PARTE I



SERRAS DE SANTA JUSTA, PIAS E CASTIÇAL

Localizadas a pouco mais de 6 km da cidade do Porto e repartidas entre os concelhos de Valongo, Gondomar e Paredes, as denominadas «serras de Valongo» – Santa Justa (367 m), Pias (385 m) e Castiçal (324 m) – constituem um maciço montanhoso de grande valor natural e paisagístico, caracterizado pela presença de um complexo sistema de «fojos» (galerias subterráneas resultantes da exploração aurífera romana), minas, pequenas nascentes e linhas de água, que criam condições particularmente favoráveis para a herpetofauna associada a ambientes húmidos. Aliás, o valor ecológico deste espaço montanhoso encontra-se bem vincado pela sua inserção na rede de Biótopos CORINE, pela criação, nas serras de Santa Justa e Pias, do Parque Paleozóico de Valongo (resultado da colaboração entre a Câmara Municipal de Valongo e os departamentos de Geologia e Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto, no sentido de preservar as jazidas Fossilíferas de Valongo), mas também, e sobretudo, pela inclusão de 2553 ha deste espaço montanhoso na 1ª Fase da Lista Nacional de Sítios da Rede Natura 2000, sob a designação de «Valongo», ao abrigo da Directiva Habitats (92/43/CEE).

Dos vários habitats deste espaço natural, os «fojos», por acolherem um conjunto único de pteridófitas (fetos) – os «fojos» de Valongo e um pequeno troço do rio Ferreira são os únicos locais do país onde é possível encontrar três espécies extremamente raras de fetos, nomeadamente *Culcita macrocarpa* e *Trichomanes speciosum*, consideradas verdadeiras relíquias paleotropicals que no nosso país apenas vegetam nos respiradouros e galerias das antigas

TEXTO • Manuel Nunes
FOTOGRAFIA • Jorge Nunes

minas auríferas romanas, e *Lycopodiella cernua*, um pequeno feto de aspecto arborescente, que tem nos terrenos alagadiços e parte inundada dos caminhos próximos do rio Ferreira o único local conhecido de ocorrência em toda a Europa Continental –, albergam uma importante população de salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*, um anfíbio endémico do noroeste peninsular - ver caixa), e constituírem locais de abrigo fundamentais para algumas espécies de Quiropteros, entre as quais o morcego-de-feradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*, uma espécie «Em Perigo» (SNPRCN, 1990)), merecem uma referência muito particular.

Para além dos «fojos» destaca-se, de entre o conjunto de habitats prioritários incluídos no Anexo I da Directiva Habitats, o vale de Couce. Com efeito, trata-se de um local particularmente relevante em termos de patrimó-

zonas pantanosas. Contudo, apesar de constituir um dos ex-libris ambientais deste maciço montanhoso, tal parece não obstar à ameaça de extinção que sobre ela paira. De facto, alguns dos preciosos e reduzidos núcleos desta espécie conhecidos para as serras de Valongo têm sido de tal modo afectados por acção antropogénica – deposição de entulhos, abertura de caminhos, silvicultura intensiva em regime de monocultura, incêndios, recolha ilegal de espécimes e erosão dos solos – que se crê estarem actualmente extintos.

PROBLEMAS AMBIENTAIS

A contaminação do rio Ferreira pela acção de várias indústrias de extracção de lousa instaladas nas proximidades das suas margens, e uma actividade florestal intensa e desregrada, com recurso, sobretudo, à monocultura do eucalipto (*Eucalyptus* sp.) são, a par dos incontáveis fogos florestais que anualmente se repetem (como aconteceu este Verão com a destruição da quase totalidade do coberto vegetal da Serra de Castiçal), da perturbação humana (caça, espeleologia, todo-o-terreno, etc.) e da crescente pressão urbanística – e aparentemente incontável, especialmente nas encostas da Serra de Santa Justa –, são, dizia-se, a face mais visível dos problemas ambientais que afectam este espaço natural encravado entre as cidades do Porto, Gondomar e Valongo.



nio botânico, onde subsistem matas ribeirinhas de choupos (*Populus* sp.) e salgueiros (*Salix* sp.), e vegetam várias espécies de plantas-carnívoras, associadas a ambientes húmidos e pantanosos, como a pinguícola-lusitânica (*Pinguicula lusitanica*) e as droseras (*Drosera rotundifolia* e *Drosera intermedia*). Porém, nas charnecas secas e xistosas sobranceiras ao vale de Couce, é possível encontrar ainda uma outra espécie de planta-carnívora, esta bem mais rara e altamente ameaçada: o pinheiro-baboso (*Drosophyllum lusitanicum*). Trata-se de um endemismo ibero-marroquino de distribuição altamente localizada em Portugal, que tem como particularidade o facto de ocorrer em solos secos, arenosos ou xistosos, ao invés de todas as outras espécies de plantas carnívoras conhecidas, que surgem sempre associadas a

A SALAMANDRA-LUSITÂNICA

A salamandra-lusitânica, ou salamandra-dourada, é um pequeno e singular anfíbio (12 a 15 cm), de pele muito brilhante e escura com duas listas douradas no dorso e olhos negros salientes, cujo elevado interesse advém do facto de possuir certas características que não se evidenciam em nenhuma outra espécie de salamandra da região peninsular, como seja a capacidade de libertar a cauda quando em perigo (autotomia) e, posteriormente, regenerá-la.

De hábitos terrestres e actividade essencialmente nocturna, embora possa também ser observada durante o dia em locais de fraca luminosidade e muita humidade, a salamandra-lusitânica habita em zonas montanhosas, junto a ribeiros de água corrente com farta vegetação ribeirinha, sobretudo quando estes se localizam nas proximidades de represas, minas ou cavidades naturais, onde se alimenta de insectos, aracnídeos e moluscos de pequenas dimensões. Endémica da Península Ibérica, em Portugal a espécie ocorre na região montanhosa noroeste, tendo como limite sul da sua área de distribuição o rio Tejo.

continua

Clássicos Olson

Sigurd Olson

Cinco anos antes de morrer, em 1977, e quando era já uma figura de projecção nacional nos Estados Unidos, Sigurd Olson – escritor, filósofo, cientista, naturalista, professor, activista, defensor da vida selvagem –, depois de insultado e escarneado, foi enforcado em efígie por alguns dos seus concidadãos da cidade mineira de Ely, no Minnesota, onde vivia e trabalhava há mais de 50 anos. O facto ocorreu durante os debates sobre a atribuição do estatuto de protecção à área de canoagem de Boundary Waters, situada na região. Porquê esse ódio contra Sigurd?

A história ainda hoje se repete um pouco por toda a parte em relação a muitos defensores da natureza, com esta ou aquela variante ou em diferentes graus de intensidade. Olson tinha tido papel decisivo na criação de áreas protegidas, incluindo na região onde habitava. Numa zona relativamente pobre, alguns acusavam a legislação sobre a protecção da vida selvagem de ser a causa das dificuldades económicas locais. Mas seria?

Sigurd Olson nasceu em Chicago, em 1899, filho de um pastor da igreja baptista originário da Suécia. Estudou agricultura, geologia, zoologia e ecologia, tendo apresentado em 1932 na Universidade de

Illinois uma tese sobre o lobo cinzento norte-americano, a primeira no seu género. Começou a trabalhar desde muito jovem, desde 1920, como professor secundário, enquanto prosseguia os estudos. Em 1921, oito dias antes do seu casamento com Elizabeth Dorothy Uhrenholdt, de quem teria dois filhos, saiu o seu primeiro artigo na imprensa com um relato de uma excursão em canoa. A canoagem era de tal forma a grande paixão da sua juventude que a lua-de-mel do casal consistiu numa excursão de três semanas em canoa. Durante cerca de uma década, ao longo dos anos 1920, Sigurd passaria o verão como guia de canoagem para completar a economia familiar e concluir os estudos universitários.

Foi em 1923 que a família Olson se instalou em Ely, na orla de uma região selvagem propícia à canoagem, constituída por milhões de hectares de terra com numerosos lagos, a cavalo entre os Estados Unidos e o Canadá. Foi aí, no chamado Quetico Superior, que Sigurd desenvolveu intuições que lhe vinham da infância e se convenceu que a vida selvagem era a fonte de experiências espirituais de importância vital para a civilização moderna. Foi nessa convicção que assentou toda a sua actuação como conservacionista e como escritor.

Em 1925, Olson faz o seu baptismo como activista, ao envolver-se na primeira batalha pela preservação das áreas selvagens da região da canoagem, opondo-se à construção de estradas em zonas anteriormente inacessíveis. A campanha alcançaria uma meia vitória quando, embora tendo sido construídas duas grandes estradas, foram criadas ao mesmo tempo três áreas protegidas. Nos anos seguintes multiplicar-se-iam os seus artigos sobre conservação da natureza publicados na imprensa, com destaque para dois deles, *Em busca da vida selvagem* (1932) e *Vida Selvagem Porquê?*, este publicado na revista *American Forests* (1938), artigos que tiveram enorme repercussão e importância histórica. A partir de 1947, Sigurd abandona a sua actividade de professor e administrador pedagógico para se dedicar inteiramente à escrita, de que resultariam 9 grandes livros, com relevo para *O Cântico da Vida Selvagem*, de 1956, e *Reflexões Feitas do País do Norte*, de 1976, no qual resume toda a sua visão do mundo e da vida.

Paralelamente à carreira de escritor, Sigurd multiplicava a intervenção activa em defesa da natureza. O reconhecimento nacional nos meios conservacionistas dá-se em 1949, quando Olson se envolve

O movimento de uma canoa é como uma cana debaixo do vento. O silêncio é parte dele, como o são os sons da água batendo na areia, os cantos dos pássaros, e do vento nas árvores. Faz parte do meio através do qual flutua, o céu, a água, as margens... Há magia no sentir de um remo e no movimento de uma canoa, uma magia feita de distância, aventura, solidão, e paz. O modo de ser de uma canoa é o modo de ser da terra selvagem, e de uma liberdade quase esquecida. É um antídoto contra a insegurança, a porta aberta para vias de água de épocas volvidas e um modo de vida de profundas e duradouras satisfações. Quando um homem é parte da sua canoa, ele é parte de tudo aquilo que as canoas desde sempre conheceram. (The Singing Wilderness, 1956).

Em algumas pessoas, a necessidade de um território intacto, de condições primitivas e de contacto íntimo com a terra é um cancro profundamente enraizado que para sempre consome a ilusão de poder contentar-se com as coisas tais como elas são. Durante meses e anos esta nostalgia escondida pode passar despercebida e de repente, sem avisar, incendiar-se numa paixão absorvente que não suportará ser negada. Será talvez a passagem de um bando de gansos selvagens na primavera, talvez o som da água que corre, ou o cheiro da terra em degelo que faz detonar a transformação. Seja o que for, essa necessidade é mais do que aquilo que as próprias forças podem suportar, e para o bem das famílias e dos amigos e para as suas próprias almas sem descanso, elas põem-se a caminho das últimas fronteiras e escapam-se. (Why Wilderness? artigo de 1938).

Não acredito por um só instante que um pai possa transmitir [geneticamente] uma determinada capacidade... mas acredito sim que o homem como raça animal tem impregnada nos seus cromossomas uma necessidade de liberdade, de esforço físico, de viver primitivo, que alguns milhares de anos de vida em cidades não conseguiram arrancar. A nossa investigação genética tem sido feita inteiramente com base em critérios físicos. Nada que se veja foi feito com base nos critérios da emoção e do sentimento das coisas, que é ainda um território virgem para os geneticistas. (Carta de S. Olson a Robert Marshall explicando a sua ideia de uma «memória da raça»).

Sobre a sua paixão inata pela beleza natural, Olson escreveu num rascunho das suas memórias:

À medida que eu crescia, essa necessidade tornava-se uma paixão que não podia ser negada. Todos os dias tinha que ter algum contacto com o espaço livre, caso contrário sentia-me infeliz. Tanto quanto posso lembrar-me, foi sempre assim, tinha que sentir o vento e a chuva na cara ao ar livre e com o horizonte em redor. Não o sabia então, mas essa necessidade cada vez maior ia-me moldando de um modo que eu não compreendia inteiramente. Tudo o que eu conhecia era essa constante e avassaladora necessidade e que, quando dentro de quatro paredes, não podia ficar ali muito tempo ou alguma coisa morreria dentro de mim.

BASES

Timeline of Sigurd Olson's Life; Profile of Sigurd Olson; The Land Beyond the Rim: Sigurd Olson's Wilderness Theology, por David Backes, todos em <http://www.uwm.edu/Dept/JMC//Olson/>

OBRAS DE SIGURD OLSON

The Singing Wilderness, 1956
Listening Point, 1958
The Lonely Land, 1961
Runes of the North, 1963
Open Horizons, 1969
The Hidden Forest, 1969
Wilderness Days, 1972
Reflections From the North Country, 1976
Of Time and Place, 1982

la Natura

1899–1982

TEXTO • J. Dias Marques coordenador da revista *Ar Livre*

CLÁSSICOS DA NATUREZA 11

numa campanha que desemboca na proibição dos aviões sobrevoarem a área de canoagem e que, em 1964, seria coroada pela Lei da Vida Selvagem (Wilderness Act), promulgada pelo presidente Lyndon B. Johnson. A partir de 1949, viria a ocupar numerosos cargos, como vice-presidente (1951) e presidente (1953) da National Parks Association, e membro da direcção da Wilderness Society (1956), tornando-se um dos dirigentes a quem coube preparar a redacção de uma lei sobre a criação de um sistema nacional de preservação da vida selvagem. Tornou-se consultor do National Park Service (1959-1966), consultor do ministro Stewart Udall (1962), vice-presidente (1963) e presidente (1968) da Wilderness Society, membro de um grupo especial do National Park Service que em 1965 recomenda em relatório (depois metido na gaveta pelo serviço) a preservação de cerca de 40 milhões de hectares de terras do Alasca. Em 1971 o Presidente Nixon promulga a lei que institui o Voyageurs National Park, no norte do Minnesota, cuja criação Sigurd Olson vinha defendendo desde os anos 1960. Mais de 50 anos depois dos primeiros esforços de Olson para proteger a área de canoagem de Boundary Waters, é assinada pelo Presidente Jimmy Carter a lei que lhe atribui estatuto de protecção plena.

No domínio intelectual, é também imensa a obra de Sigurd Olson que, em 1972, é consagrada com a criação do Sigurd Olson Environmental Institute junto do Northland College (Ashland, Wisconsin). Obteve também a mais elevada distinção atribuída por quatro das cinco maiores organizações conservacionistas americanas – Sierra Club, Wilderness Society, National Wildlife Federation e Izaak Walton League. Em 1974, é-lhe atribuída a mais elevada distinção no domínio dos escritos sobre a natureza, a Medalha John Burroughs. A sua última obra, *Do Tempo e do Lugar*, é publicada em 1982, o ano em que morreu.

O seu pensamento é demasiado rico para poder ser exposto num curto artigo. As citações reproduzidas em separado poderão aliciar o leitor para um mais demorado mergulho na sua obra.

nesto inverno em poucas palavras...

BOAS NOTÍCIAS PARA O URSO-PARDO CANTÁBRICO...

«Un avance notable» foi como Belén Fernandez, vice-conselheira do Meio Ambiente e Ordenamento do Território do Governo Autónomo das Astúrias, classificou a evolução do acompanhamento da população de urso-pardo no Principado. Esta percepção optimista suporta-se num estudo desenvolvido pela Consejería de Medio Ambiente e pelo Museo Nacional de Ciências Naturales, com o objectivo de conhecer o estado da saúde genética do urso cantábrico através da análise de pelos e dejectos. Trata-se de um processo não intrusivo que, por isso, não molesta os animais selvagens.

E os dados obtidos são de facto animadores já que apontam para a existência de um quantitativo médio de 118 exemplares no núcleo ocidental da região (mínimo garantido de 81 indivíduos) enquanto a última estimativa indicava um máximo de 75 ursos.

A utilização de marcadores genéticos - foram recolhidas 878 amostras entre Maio de 2002 e Junho de 2003 - é um processo fiável que permite um conhecimento individualizado destes animais. A TN continuará a segui-los de perto, reconhecendo a importância que este verdadeiro símbolo da conservação da natureza na Europa merece.

... MAS MUITO MÁS PARA O NOSSO PLANETA

Um quarto das espécies do planeta poderão desaparecer nos próximos 50 anos se, neste período, a temperatura média subir 2 graus Celsius.

Esta é um dos cenários que se retiram dos estudos efectuados por um grande conjunto de investigadores, recentemente publicado pela revista NATURE. Os valores apresentados à escala global são o resultado da extrapolação baseada no estudo de mais de mil espécies de plantas, mamíferos, répteis, insectos e outros invertebrados. Admite-se o desaparecimento da Terra de um milhão das suas espécies.

O aquecimento global implica alterações na dispersão de animais que em muitos casos não encontrarão habitats alternativos. Os efeitos das alterações climáticas manifestar-se-ão de forma diversa nas várias zonas do globo. A Europa poderá ver afectadas cerca de 25 por cento das suas aves e 17 por cento das plantas. Uma maior ocorrência de pragas e infestantes são outras consequências que este estudo antevê.

ENCONTROS IMEDIATOS NA NATUREZA

Registo TN 20. Toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*)

Data: 2002. Julho.23

Local: Serra Amarela - Parque Nacional da Peneda-Gerês

Hora e duração: A partir das 12 horas, durante 20 minutos.

Distância: Alguns centímetros.

Condições atmosféricas: Céu limpo, vento fraco.

Observadores: Gisela Moço

Outros dados: Observada em provável actividade de caça. Apesar de ter sido importunada, escondeu-se debaixo de uma pedra, voltando a aparecer 5 minutos mais tarde e retomando o mesmo comportamento.

Se possui observações relevantes de espécies selvagens (fauna e flora) ou situações insólitas que as envolvam, escreva-nos, indicando todos os elementos possíveis para a melhor caracterização do encontro. A sua informação, individualmente importante, revelar-se-á mais ainda quando cruzada e confrontada com outras.

FORMATAVA

NATUREZA NOTAVEL

TEXTO E FOTOGRAFIA - Luis Rodrigues - Luisa Marques
Cirurgião de árvores - Bióloga

OS TEIXOS DA CASA DO CABO

No centro da Vila de S. João da Pesqueira está edificado um belo palacete, a Casa do Cabo, construído em finais do século XVIII e actualmente ocupado pelo tribunal. Ao lado desta casa foi construído um jardim de estilo francês onde se destacam dois belos e majestosos teixos (*Taxus baccata* L.) do sexo masculino com aproximadamente a mesma idade do edifício. Têm cerca de 6 metros de altura e encontram-se em bom estado de conservação.



O LEITOR NA TRIBUNA

PAISAGEM AMPUTADA



Recortado contra o céu, o rio Douro e os telhados da Alfândega, o Cedro do Líbano (*Cedro libani*) - belo, assimétrico - parecia querer voar. Imponente, ainda que leve, elegante e vigoroso, apesar dos seus mais de cem anos...

O Cedro do Líbano, ainda hoje abundante naquele país, em mais de 18 florestas (na de Bucharri, ocorre acima dos 1900 metros de altitude), é o mais apreciado dos cedros, o mais velho, o mais belo. O papiro de Unamon, do século XI a.C., afirma que o sumo sacerdote de Amon, de Tebas, exigiu madeira de cedro para construir o barco sagrado da divindade. Os egípcios usaram cedro perfumado nos seus sarcófagos. Os fenícios viajaram em barcos feitos de cedro. O rei Salomão utilizou madeira de cedro na construção do famoso templo. Os turcos sempre se valeram dele para múltiplos fins.

Durante muitas décadas, a bela silhueta do cedro do «Palácio das Sereias» dominava a paisagem para quem, do lado da Bandeirinha e da rua da Restauração, olhasse para o rio, com Gaia ao



fundo. Esbelta, a árvore parecia rasgar o espaço com a sua beleza quase intemporal...

O Cedro do Líbano é citado por muitos e prestigiados autores. Lamartine, o grande poeta francês, do século XIX, dizia: «Os cedros são monumentos naturais, os mais célebres do universo. São seres divinos sob a forma de árvore». Motivo principal da bandeira do Estado do Líbano, o cedro consta da proclamação da independência daquele estado (1920): «Um cedro verde é um povo sempre jovem, apesar dum passado cruel, um povo muitas vezes oprimido, mas nunca conquistado. O cedro é o sinal de união desse Povo».

Devastado pela terrível guerra das décadas de 70 e 80, do século XX, o Líbano viu muitos dos seus cedros desaparecerem. Hoje assiste-se, contudo, à frenética reconstrução do país. A coberto de programas ligados à natureza e ao ambiente, milhões de árvores foram e estão a ser plantadas. Dentro de décadas (o cedro cresce muito devagar), magníficas florestas embelezarão de novo os montes do Líbano (como por exemplo a de Barouf Maaser Chouf, onde há cerca de 6 milhões de cedros, uns centenários, outros ainda jovens).

No fim-de-semana de 16 de Novembro de 2003, já eu iniciara este texto, o cedro do «Palácio das Sereias» saiu da paisagem. Porém, não levantou voo. Uma qualquer serra eléctrica, poucos saberão porquê e para quê, eliminou-o, deixando no seu lugar um toco solitário, quase fantasmagórico. A paisagem ficou irremediavelmente amputada. Todavia, jamais conseguirão amputar a minha memória. O Cedro do Líbano estará sempre ali.

A rasgar a paisagem que, sem ele, ficou despida e monótona.

Porto 23-11-2003

David Torres, assinante da Tribuna da Natureza



a vida selvagem nas quatro estações
TRIBUNA da NATUREZA PRÓXIMA PRIMAVERA

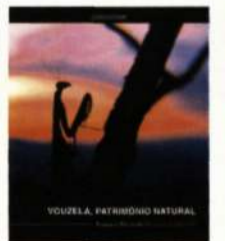
► Um rio em perigo

LIVROS LIVROS

Um livro de fotografia essencialmente dedicado à fauna da Serra do Caramulo. Mas não só. *Vouzela, Património Natural* é uma obra que percorre esta região, bem ilustrada por belas imagens, também de paisagens, reveladoras de uma entrega apaixonada à fotografia na natureza.

João Cosme - naturalista, redactor da Tribuna da Natureza e colaborador em muitas outras publicações da especialidade - é o autor deste livro repleto de grandes planos de aves, mamíferos, répteis, anfíbios e insectos, acompanhados por breves textos explicativos situando as imagens e o espaço em que foram pacientemente colhidas. É uma obra editada pela Câmara Municipal de Vouzela, que por esta iniciativa merece o nosso aplauso.

Consulte o site do autor: www.joaocosme.com



Doze capítulos, doze animais selvagens da fauna ibérica. A abordagem desenvolvida em *Ibéria Selvagem* é original. Acompanhando os biólogos e os naturalistas que os estudam e se batem pela sua conservação, contam-se experiências, alertas para ameaças, em histórias que denotam quanto os autores calcorearam os quatro cantos da península, embrenhando-se no habitat dos ursos cantábricos, aproximando-se dos penhascos onde reina a cabra-montês ou atravessando as planícies do sul, cruzadas pelas aves invernantes. As imagens confirmam o lado prático desta obra. Fichas com dados sobre a biologia das espécies completam o livro, de Paulo Caetano - um jornalista que se dedica às questões ambientais, redactor-principal da Tribuna da Natureza - e de Joaquim Pedro Ferreira - biólogo com larga experiência de campo, também colaborador da nossa revista.



Desejo assinar a revista **Tribuna da Natureza** por 4 números (11 Euros)
 por 8 números (22 Euros)

Nome

Endereço código postal

Telefone Fax email

Para isso, junto envio cheque nº do banco

no valor de à ordem de FAPAS Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens.

Data | | Assinatura

COMPLETE

a sua colecção ou ofereça a um amigo
a vida selvagem das primeiras 16 estações

Nº 1 ao Nº 8 | 2,24 euros cada

Nº 9 ao Nº 12 | 2,50 euros cada

Nº 13 ao Nº 15 | 3 euros cada

Portes de correio | 1,10 euros para 1 exemplar e 2,70 euros para 2 ou mais exemplares

ARQUIVADORES PARA 12 NÚMEROS (3 ANOS) | 7 EUROS + 5 EUROS PARA PORTES DE ENVIO